

Quando a Lua Traiu o Sol  
de  
Guilherme Silveira

FBN  
protocolo no.: 2309/08

(11)36665658  
gui\_sil@terra.com.br

Na selva, o silêncio absoluto é rompido pelos cantos esporádicos de aves e pelo barulho de insetos. Os raios de sol formam colunas oblíquas de luz, o labirinto verde é assustador. Em meio a essa paisagem bela e aterradora vemos Toledano, que se arrasta pelo chão repleto de folhas em decomposição, sujo de terra e sangue, com as forças exauridas. A visão embaralhada de Toledano mostra uma cabaça de água e um farnel, pendurados em uma pequena árvore a alguns metros. Ele gasta suas últimas forças enterrando seus dedos machucados no chão, puxando o peso do seu corpo, em uma tentativa vã de alcançar a água e o alimento. Toledano finalmente desiste e deita-se de dorso. Ele olha para as copas das árvores, e a luz intensa ofusca sua visão. Um homem se aproxima. Toledano está prestes a morrer. Alguns outros homens se juntam ao primeiro. Eles tecem comentários entre si, mas Toledano não consegue ouvi-los. Toledano ouve apenas o ruído distante e as vozes das pessoas na estação de trem de Berlim.

Toledano compra um lanche em uma estação de trens em Berlim. Ele escolhe entre alguns sanduíches prontos. Toledano aponta um lanche.

TOLEDANO

(em alemão)

Por favor! Este sanduíche é de frango?

CONSTANTIN

(em alemão)

Estes são de peito de peru defumado... Eu acabei de preparar estes aqui, de frango com molho de mostarda.

TOLEDANO

(em alemão)

Eu vou querer um, por favor.

CONSTANTIN

(em alemão)

Vai beber alguma coisa?

TOLEDANO

(em alemão)

Um chá gelado.

CONSTANTIN

(em alemão)

Um frango com mostarda e um chá gelado...

Constantin entrega o pedido.

(CONTINUA...)

CONSTANTIN  
(em alemão)  
Aqui está!

TOLEDANO  
(em alemão)  
Obrigado.

CONSTANTIN  
(em alemão)  
De nada brasileiro.

Constantin sorri.

TOLEDANO  
(em alemão)  
Meu sotaque me entrega.

CONSTANTIN  
(em alemão)  
Nem tanto... Eu é que sou  
fanático por tudo do seu país.

Toledano fala um pouco entediado, com a boca cheia.

TOLEDANO  
(em alemão)  
Já vou logo avisando que eu não  
gosto de carnaval, e não entendo  
nada de futebol.

Constantin não perde o bom humor.

CONSTANTIN  
(em alemão)  
Um brasileiro atípico.

TOLEDANO  
(em alemão)  
Mas, em compensação, das  
brasileiras eu gosto... Isso me  
torna só dois terços atípico.

Constantin ouve o pedido de outro cliente.

CONSTANTIN  
(em alemão)  
Eu costumo dizer que se eu  
ganhasse um marco, cada vez que  
me perguntam algo sobre a Jihad  
Islâmica eu já estaria rico.

TOLEDANO  
(em alemão)  
Você é palestino?

CONSTANTIN  
(em alemão)  
Não... Eu sou iraniano...

Constantin entrega o pedido ao outro cliente.

CONSTANTIN  
(em alemão)  
Se você acha ruim falar sobre  
futebol e carnaval, imagine todo  
mundo querendo conversar com você  
a respeito de homens-bomba e  
'mujahedins'.

Toledano acede em um esgar.

TOLEDANO  
(em alemão)  
Meu nome é Toledano, e o seu?

CONSTANTIN  
(em alemão)  
Constantin...

Constantin pega mais um pedido.

CONSTANTIN  
(em alemão)  
Um dia eu ainda vou conhecer a  
sua terra.

TOLEDANO  
(em alemão)  
Você vai gostar...

Toledano morde o seu lanche.

TOLEDANO  
(em alemão)  
Qual era a sua profissão no Irã  
Constantin?

CONSTANTIN  
(em alemão)  
Eu era professor... Até ser preso  
pelo antigo regime...

Constantin entrega o outro pedido.

CONSTANTIN  
(em alemão)  
Durante quatro anos vivi em uma  
cela de 3 metros por 2... Eu  
passava o dia inteiro me  
exercitando, para não  
enlouquecer... Consegui escapar  
da prisão e fugir para cá, onde  
recebi asilo político...

(CONTINUA...)

O iraniano não tira o sorriso do rosto ao falar.

CONSTANTIN  
(em alemão)  
Aquela foi a única época da minha  
vida em que eu fui fisicamente  
saudável.

TOLEDANO  
(em alemão)  
E você não pensou em voltar  
depois da revolução?

CONSTANTIN  
(em alemão)  
Não... Eu já sou berlinense  
demais para viver em uma  
teocracia...

Constantin se aproxima de Toledano.

CONSTANTIN  
(em alemão)  
Nas teocracias, quando a política  
não anda bem, o máximo que a  
gente pode fazer é rezar.

TOLEDANO  
(em alemão)  
Eu conheço essa sensação...

Toledano gesticula pedindo uma caneta.

TOLEDANO  
(em alemão)  
Me empresta a sua caneta?

Constantin passa a caneta.

CONSTANTIN  
(em alemão)  
Tome!

Toledano anota seu telefone no Brasil e passa-o a Constantin.

TOLEDANO  
(em alemão)  
Quando você for ao Brasil não  
deixe de me procurar.

Constantino pega o papel.

CONSTANTIN  
(em alemão)  
Com certeza!... Obrigado  
Toledano!

(CONTINUA...)

TOLEDANO  
(em alemão)  
Adeus Constantin!

Os dois se saúdam.

CONSTANTIN  
(em alemão)  
Adeus, e boa viagem!

Toledano se afasta com seu lanche. Ele termina de comer e vai até um telefone público.

3 INT.NA ESTAÇÃO JUNTO AOS TELEFONES.TARDE

3

Toledano faz a ligação.

TOLEDANO  
Hilda?

Breve pausa.

TOLEDANO  
Tudo bem?

Breve pausa.

TOLEDANO  
Está um dia lindo aqui em Berlim.  
Todo mundo está tomando banho de  
sol pelado nas praças.

Breve pausa.

TOLEDANO  
Pode falar para o pessoal que o  
meu trabalho foi aprovado.

Breve pausa.

TOLEDANO  
Vieram me informar que eu fui o  
único sul-americano a concluir o  
doutoramento no laboratório de  
bioquímica em 2006.

Breve pausa.

TOLEDANO  
Espere até eu te contar a outra  
novidade.

Breve pausa.

TOLEDANO

Tenho!... Ontem mesmo eu recebi um telefonema... Era uma executiva de uma empresa prestadora de serviços para a indústria farmacêutica... Ela me fez um monte de perguntas: Se eu tinha algum emprego em vista, o que eu queria fazer no futuro, se eu continuaria trabalhando como pesquisador... Essas coisas todas... E... Você está sentada?

Breve pausa.

TOLEDANO

A mulher quer me fazer uma proposta de trabalho.

Breve pausa.

TOLEDANO

Ela reservou uma passagem para mim no próximo trem para Basiléia, eu embarco em uma hora.

Breve pausa.

TOLEDANO

Seu apoio é muito importante para mim Hilda.

Breve pausa.

TOLEDANO

Pode deixar... Ah! Já ia esquecendo... Sabe com o que eu sonhei outro dia?

Breve pausa.

TOLEDANO

Com aquela pinta linda, que fica quatro dedos abaixo do seu umbigo.

Breve pausa.

TOLEDANO

Eu lembrei do seu cheiro Hilda... Você consegue imaginar como eu acordei?

Breve pausa.

(CONTINUA...)

TOLEDANO

Eu estou com muita saudade.

Breve pausa.

TOLEDANO

Não vejo a hora de voltar.

Breve pausa.

TOLEDANO

Eu preciso ir agora.

Breve pausa.

TOLEDANO

Pode deixar... Um beijo amor.

Breve pausa.

TOLEDANO

Até mais!

Toledano desliga o telefone. Ele sai da cabine confiante. Toledano caminha um pouco e cruza com duas lindas mulheres. Ele olha e assobia para as beldades. Elas olham e comentam enquanto se afastam.

ALEMÃ 1

(em alemão)

Se ele chegar perto eu chamo a polícia.

ALEMÃ 2

(em alemão)

Aposto que o cretino é latino.

ALEMÃ 1

(em alemão)

É... Com a diarréia de lascívia que lhes é peculiar.

Elas olham para trás. Breve pausa.

ALEMÃ 1

(em alemão)

Até que ele é bonitinho.

ALEMÃ 2

(em alemão)

Bem que ele poderia insistir um pouco mais.

ALEMÃ 1

(em alemão)

Hum, hum!



Elas olham de novo e ele manda um beijinho. As duas dão risada e mandam beijinhos também.

4

INT.NO TREM PARA BASILÉIA.TARDE

4

Toledano está na sua cabine arrumando a mochila no bagageiro. Chega na porta da cabine um homem imenso e bonachão, falando alemão com forte sotaque inglês.

BALDO  
(em alemão)  
Essa aqui é a 72?

TOLEDANO  
(em alemão)  
É aqui mesmo!

Baldo sorri e entra, empurrando Toledano com a sua bolsa de mão, sua grande mala e seu corpanzil.

BALDO  
(em alemão)  
Você poderia me ajudar com a mala?

TOLEDANO  
(em alemão)  
Se você preferir, pode falar em inglês.

Baldo sorri, contente por poder se expressar na sua própria língua.

BALDO  
(em inglês)  
Mas que sorte a minha! Qual o seu nome?

TOLEDANO  
Luiz... Luiz Toledano.

BALDO  
(em inglês)  
Eu me chamo Francis Tebaldo...Pode me chamar de Baldo.

TOLEDANO  
(em inglês)  
Deixe-me ajudá-lo com a bagagem.

Os dois homens com muito esforço conseguem pôr a grande mala no maleiro. Eles terminam e se sentam frente a frente. Baldo está suado e se abana.

(CONTINUA...)

TOLEDANO  
(em inglês)  
Eu vou pegar água para mim, você quer?

BALDO  
(em inglês)  
Se você fizer a gentileza eu agradeço.

TOLEDANO  
(em inglês)  
Claro!... Já volto.

Toledano sai para buscar água. Enquanto ele está fora Baldo se prepara para fazer sua oração. Baldo pega parte de seus paramentos de frade franciscano, puxa para o lado de fora da camisa um 'Tau' de madeira escura, que está pendurado ao seu pescoço por um cordão de couro, pega sua bíblia na bolsa e coloca-a sobre seu colo, recosta-se e fecha os olhos em oração.

BALDO  
Altissimo glorioso Dio, illumina  
le tenebre de lo core mio... Et  
dame fede diricta, speranza certa  
e carità perfecta, senno e  
cognoscimento, Signore,  
che faccia lo tuo santo  
e verace comandamento... Amen.

Baldo silencia em contrição.

Toledano retorna após uns minutos, no momento que o trem começa a se movimentar. Ele se surpreende ao ver que seu companheiro de cabine é um religioso. Baldo não interrompe sua oração e Toledano não o perturba.

5 INT.NO TREM.CREPÚSCULO

5

O sol está se pondo e Baldo ainda faz sua oração silenciosa. Toledano olha a paisagem. Baldo termina sua oração e olha para Toledano.

BALDO  
(em inglês)  
Aceito a sua água agora...

Baldo pega uma malha e veste, enquanto Toledano o serve.

BALDO  
(em inglês)  
Eu sempre sinto frio quando faço  
minhas orações.

O homem toma todo o copo de um só grande gole.

(CONTINUA...)

TOLEDANO  
(em inglês)  
Quer mais?

BALDO  
(em inglês)  
Por favor!

Toledano enche o copo novamente. Agora Baldo sorve a água aos poucos.

BALDO  
(em inglês)  
Você está indo para casa?

TOLEDANO  
(em inglês)  
Ainda não... Eu embarco para São Paulo na semana que vem.

BALDO  
(em inglês)  
Hum!... Passei um tempo muito feliz na sua cidade, trabalhando ao lado dos meus confrades brasileiros.

TOLEDANO  
(em inglês)  
Trabalhando em que, Baldo?

BALDO  
(em inglês)  
Na ordem todos nós fazemos um pouco de tudo. Eu costumo dizer que nós somos os operários da fé e da palavra do Senhor.

TOLEDANO  
(em inglês)  
Vocês mantêm as sagradas engrenagens ajustadas e lubrificadas.

Baldo dá risada.

BALDO  
(em inglês)  
Disso os burocratas do Vaticano dão conta. Minha atividade tem mais transcendência, já que me atenho mais a almas do que a engrenagens.

TOLEDANO  
(em inglês)  
O que deve ser muito mais complicado, eu imagino.

(CONTINUA...)

BALDO  
(em inglês)  
Pode acreditar... E você? O que o trouxe à Europa?

TOLEDANO  
(em inglês)  
Eu sou biólogo. Acabei de concluir o meu doutoramento na Universidade Livre de Berlim.

BALDO  
(em inglês)  
Meus cumprimentos!... Mas você parece jovem demais.

Toledano sorri.

TOLEDANO  
(em inglês)  
Eu tenho 28 anos. Essa minha aparência deve ser porque eu nunca deixei a vida de estudante... Vivo de bolsas de estudo desde os meus 20 anos.

BALDO  
(em inglês)  
E você já se sente preparado para ingressar na iniciativa privada?

TOLEDANO  
(em inglês)  
Espero que sim.

BALDO  
(em inglês)  
Vai ser uma grande mudança na sua vida.

Toledano fica circunspecto.

TOLEDANO  
(em inglês)  
Realmente... Há uma ansiedade natural nesses momentos.

Baldo observa o jeito de Toledano. Ele então se vira para mexer na sua bolsa de mão, e tira de lá de dentro uma garrafa de vinho.

BALDO  
(em inglês)  
Eu estava reservando este vinho para um amigo... Mas ele está me dizendo que quer ser bebido agora... Você aceita?

(CONTINUA...)

TOLEDANO  
(em inglês)  
Com prazer!

Baldo fala enquanto abre a garrafa com o seu canivete suíço.

BALDO  
(em inglês)  
Este é um dos muitos males da sociedade cientificista que você e os seus colegas criaram.

TOLEDANO  
(em inglês)  
Como assim Baldo?

BALDO  
(em inglês)  
Eu me refiro a essa solidão, esse medo que nos acomete sempre que precisamos avançar para uma outra fase de nossas vidas.

TOLEDANO  
(em inglês)  
Estranho seria não sentir nada... Você não acha?

BALDO  
(em inglês)  
Claro... São sentimentos comuns nessas situações... O problema não está em senti-los, está em não compartilhá-los...

Baldo puxa a rolha da garrafa.

BALDO  
(em inglês)  
Todos os rituais de passagem, que são tão importantes em outras culturas, para nós, são considerados manifestações puramente simbólicas, e por isso relegadas ao plano teórico dos estudos antropológicos.

TOLEDANO  
(em inglês)  
Você está se referindo à prática ritualista pagã?

BALDO  
(em inglês)  
Pagã?... Um bosquímano consegue perceber e respeitar a prática  
(MAIS...)

(CONTINUA...)

BALDO (...cont.)  
sacralizada de uma missa, se isso  
não acontecesse a catequese seria  
impossível, concorda?... No meu  
ponto de vista, todos os rituais  
humanos são sagrados.

Baldo serve o vinho.

TOLEDANO  
(em inglês)  
Concordo... Mas qual é a origem  
da solidão afinal?

BALDO  
(em inglês)  
É justamente o fato de nós não  
nos darmos mais conta da  
importância de vivermos juntos  
esses momentos de transposição...  
Os rituais não só nos ajudam a  
sabermos quem somos dentro do  
nosso grupo, como também geram  
bem estar, através da comunhão  
dos sentimentos.

TOLEDANO  
(em inglês)  
Sentimentos como a ansiedade, por  
exemplo?

BALDO  
(em inglês)  
E a solidão, a dúvida, o medo, a  
dor... Tudo é compartilhado  
Toledano... É a maneira do grupo  
mostrar ao indivíduo que eles  
também estão ansiosos, mas que,  
acima de tudo, eles são  
inseparáveis e, por isso,  
fortes... Eu proponho um  
brinde...

Baldo ergue seu copo e Toledano também.

BALDO  
(em inglês)  
Que o simples ato de beber esse  
vinho aproxime nossas almas... E  
que dessa união você tire a força  
para vencer as suas futuras  
provações... Saúde!

TOLEDANO  
(em inglês)  
Saúde Baldo!

Os dois bebem o vinho em um só gole e Baldo serve outro copo. Eles se olham com alegria.

TOLEDANO  
(em inglês)  
Definitivamente, você é um padre  
fora do comum.

BALDO  
(em inglês)  
Sorte a minha... Eu atribuo isso  
à minha experiência como  
missionário.

O controlador vem checar os bilhetes dos dois.

TOLEDANO  
(em inglês)  
Como é esse trabalho, Baldo?

BALDO  
(em inglês)  
O meu grupo está sediado em  
Otawa. Nosso trabalho é junto a  
comunidades aborígenes, em muitas  
regiões distantes e selvagens do  
mundo. Tentamos, de alguma  
maneira, melhorar a vida dessas  
pessoas, gerando um pouco de  
conforto material e espiritual.

TOLEDANO  
(em inglês)  
Vocês dão alguma assistência  
material a esses nativos, e eles  
em troca se deixam catequizar?

BALDO  
(em inglês)  
Não é uma aritmética tão simples.  
Note que eu coloquei o conforto  
material antes do espiritual. A  
catequese ultimamente não tem  
sido prioridade, tamanha a  
quantidade de problemas que  
encontramos. Quando é possível,  
nós ministramos matéria  
religiosa, afinal essa é a nossa  
missão.

TOLEDANO  
(em inglês)  
As coisas nem sempre são fáceis.

BALDO  
(em inglês)  
Nunca são Toledano... Há  
situações que realmente nos fazem  
(MAIS...)

(CONTINUA...)

BALDO (...cont.)  
questionar profundamente o nosso  
trabalho...

Agora é Baldo quem está pensativo. Toledano põe mais vinho nos copos e serve a Baldo.

BALDO  
(em inglês)  
Meu primeiro trabalho como missionário foi com nativos da Nova Guiné. Eu tinha 25 anos e queria apenas viajar, entrar de cabeça no desconhecido, me entregar à minha missão... Por ansiedade e por inexperiência, eu acabei não perguntando muito a respeito de como seriam as coisas por lá. E, talvez por temerem a minha reação, meus superiores também não entraram em maiores detalhes...

Baldo faz uma longa pausa. Toledano vê que Baldo não está bem, e que lhe custa falar sobre aquilo.

BALDO  
(em inglês)  
Quando eu cheguei e percebi o que estava acontecendo, foi com se uma bomba tivesse explodido no meu colo...

Baldo bebe seu vinho.

BALDO  
(em inglês)  
Alguns anos antes da nossa chegada ao local, cientistas que estudavam esses grupos atribuíram a um de seus costumes ancestrais a causa da disseminação de uma terrível doença entre eles...

Baldo bebe todo o vinho e pega mais.

BALDO  
(em inglês)  
Eles tinham por costume devorarem os seus próprios mortos.

Toledano olha benevolente para Baldo.

TOLEDANO  
(em inglês)  
Você está se referindo a uma variação da doença  
(MAIS...)

(CONTINUA...)



TOLEDANO (...cont.)  
de Creutzfeldt-Jacob... Que  
esses nativos chamaram de Kuru.

BALDO  
(em inglês)  
Exato... A nossa função era, de  
alguma maneira, convencê-los a  
interromper aquele ciclo. Na  
tentativa de preservar sua saúde  
e, a longo prazo, a sua própria  
existência...

Agora é Toledano quem pega mais vinho.

BALDO  
(em inglês)  
Ao final de quase dois anos de  
trabalho, nós fomos obrigados a  
desistir... A situação limite foi  
a morte de uma adolescente de 13  
anos... Os notáveis das tribos se  
reuniram e chegaram à conclusão  
que, não a antropofagia, mas sim  
a ingerência externa estava  
causando aquele desequilíbrio,  
que se manifestava através da  
doença... Eles exigiram a  
presença do nosso irmão mais  
velho durante as discussões. O  
frade Oreste não foi autorizado a  
sair enquanto aquele grupo de  
anciãos não conseguisse decidir o  
que fazer com o corpo da menina.  
Era um momento de terrível  
angústia para todos... Ao final  
de 2 dias eles optaram por manter  
o seu costume, e obrigaram o  
pobre Oreste a permanecer ali,  
para testemunhar a consumação do  
funeral ritualístico, deixando  
claro para nós qual seria a sua  
decisão.

TOLEDANO  
(em inglês)  
Deve ter sido muito duro para  
você.

BALDO  
(em inglês)  
Foi duro para todos os envolvidos  
Toledano, principalmente os  
aborígenes... O pobre frade  
Oreste desistiu do trabalho  
missionário... Agora ele  
lubrifica engrenagens no  
Vaticano.

(CONTINUA...)

Os dois sorriem.

TOLEDANO  
(em inglês)  
Alguém tem que fazer a parte  
burocrática.

BALDO  
(em inglês)  
Claro!... E eu continuo na minha  
atividade missionária.

TOLEDANO  
(em inglês)  
Com a fé inabalável...

BALDO  
(em inglês)  
São Francisco dizia, sem receio  
de ser visto como um panteísta,  
que 'a presença divina está em  
todas as criaturas'... Eu nunca  
deixei de acreditar nisso, nem  
por um segundo.

TOLEDANO  
(em inglês)  
Esta é uma idéia que deveria ser  
mais difundida.

BALDO  
(em inglês)  
Se isso fosse feito as nossas  
chances de sobrevivência  
aumentariam.

Breve pausa. Baldo brinda novamente.

BALDO  
(em inglês)  
Saúde Toledano! A um futuro  
brilhante... E feliz!

TOLEDANO  
(em inglês)  
Saúde Baldo!

Os dois brindam novamente e tomam o vinho. Está  
anoitecendo, e as luzes externas passam rapidamente pela  
janela do trem em movimento.

6 INT.NO TREM.MADRUGADA 6

O trem está entrando em Basiléia. Ainda está escuro. Toledano observa Baldo que dorme profundamente.

7 INT.NO ZÔO DE BASILÉIA.TARDE 7

Toledano está na ala dos terrários do Zôo de Basiléia. Ele observa os dendrobates.

8 INT.NO QUARTO DO HOTEL.MANHÃ 8

Toledano sai de toalha do banheiro em seu quarto de hotel. Ele pega seu relógio no criado-mudo e o veste. Toledano veste a sua cueca e pega um guia em sua mochila. Toledano senta para procurar o local do encontro.

9 EXT.NO CAFÉ À BEIRA DO RENO.MANHÃ 9

Toledano se aproxima de um café à beira do Reno e vê Nao lendo um jornal. Ele vai até a mesa.

TOLEDANO  
(em inglês)  
Com licença! Senhora Fukuda? Nao  
Fukuda?

NAO  
(em inglês)  
Isso mesmo! Você é?

TOLEDANO  
(em inglês)  
Luiz Toledano!

Nao se levanta e cumprimenta Toledano.

NAO  
(em inglês)  
Sente-se por favor doutor  
Toledano...

Toledano se acomoda.

NAO  
(em inglês)  
O doutor já fez o desjejum?

TOLEDANO  
(em inglês)  
Ainda não... Por favor, pode me  
chamar de Toledano.

Nao sorri e chama o garçom. Ela pede café da manhã para dois. O garçom anota o pedido e sai.

(CONTINUA...)

NAO  
(em inglês)  
Fico feliz que você tenha vindo,  
e peço desculpas pela  
informalidade do local do nosso  
encontro.

TOLEDANO  
(em inglês)  
O local está ótimo senhora  
Fukuda.

NAO  
(em inglês)  
Nao... Pode me chamar de Nao...

Ela olha para o rio.

NAO  
(em inglês)  
Bonito, não é?

TOLEDANO  
(em inglês)  
Muito.

NAO  
(em inglês)  
O Rio Reno tem um trajeto  
peculiar Toledano...

Toledano se interessa.

NAO  
(em inglês)  
Ele flui no sentido leste/oeste,  
até aqui, nessa curva à nossa  
frente... Desse ponto em diante  
ele vira 90 graus e segue direto  
para o norte, até a Holanda.

TOLEDANO  
(em inglês)  
Parece um capricho da natureza...  
O cenário não poderia ser mais  
agradável Nao, e imagino que o  
desjejum deva ser delicioso...  
Para dizer a verdade, eu prefiro  
este clima descontraído, à pompa  
do ambiente corporativo.

Nao sorri amistosamente.

NAO  
(em inglês)  
Então você é como eu. Alias, é  
exatamente este o perfil que  
(MAIS...)

(CONTINUA...)

NAO (...cont.)  
pauta a nossa busca por  
colaboradores.

TOLEDANO  
(em inglês)  
E quais outras características  
minhas fizeram com que vocês me  
procurassem Nao?

NAO  
(em inglês)  
Sua qualificação e também a sua  
nacionalidade foram consideradas.

TOLEDANO  
(em inglês)  
Eu confesso que estou curioso  
para saber do que se trata.

O garçom traz os pedidos. Nao e Toledano se servem.

NAO  
(em inglês)  
A companhia para qual trabalho  
atende aos interesses de inúmeras  
empresas, em vários pontos do  
mundo.

TOLEDANO  
(em inglês)  
Que tipo de empresas?

NAO  
(em inglês)  
Indústrias farmacêuticas  
principalmente, mas também as  
químicas, alimentícias e  
cosméticas.

TOLEDANO  
(em inglês)  
Vocês prestam algum tipo de  
assessoria?

Nao adquire um ar grandiloquente.

NAO  
(em inglês)  
Mais que isso. Nós somos os  
exploradores... Os descobridores  
do inimaginável...

Toledano está quieto, um pouco circunspecto, olhando para  
Nao.

(CONTINUA...)

NAO  
(em inglês)  
Pense em um ambiente selvagem,  
com centenas de diferentes formas  
de vida, totalmente  
desconhecidas... É lá o nosso  
'escritório' Toledano... Nossos  
clientes esperam o novo, o  
inusitado, eles têm sede de  
conhecer todas as possibilidades  
que a natureza oferece ao Homem.

TOLEDANO  
(em inglês)  
Interessante... E esse ambiente  
selvagem com centenas de formas  
de vida desconhecidas é, por um  
acaso, a floresta amazônica, Nao?

Nao sorri.

NAO  
(em inglês)  
Exatamente!

Toledano fica pensativo.

TOLEDANO  
(em inglês)  
E onde eu me encaixo nesta 'busca  
por novas possibilidades'?

Nao fica séria.

NAO  
(em inglês)  
Justamente no campo maior de sua  
formação: As secreções cutâneas  
de anfíbios anuros...

Os olhos de Toledano se iluminam e Nao percebe.

NAO  
(em inglês)  
Especificamente os da Família  
*Dendrobatidae*.

TOLEDANO  
(em inglês)  
É um trabalho de bioprospecção?

NAO  
(em inglês)  
Isso mesmo... Bioprospecção de  
novas moléculas com ação  
anti-tumoral e  
anti-inflamatória... Esta é a  
nossa pesquisa.

(CONTINUA...)

TOLEDANO

(em inglês)

Os resultados e as amostras terão que fim?

NAO

(em inglês)

Nós coletaremos o produto de seu trabalho e o levaremos direto para a nossa sede em Tóquio. Lá a pesquisa laboratorial terá continuidade, com o isolamento e caracterização físico-química dessas moléculas, e posterior estudo de clonagem.

Toledano fala duro.

TOLEDANO

(em inglês)

Entendi Nao... A empresa que você representa está precisando de um biopirata.

Nao fica com ar arrogante.

NAO

(em inglês)

Eu conheço o meu trabalho doutor... Não há leis que tratam deste assunto no Brasil, além do que, a fiscalização é frouxa... O máximo que vocês fazem é contestar patentes em cortes internacionais, mas, na maioria das vezes, essas contestações são iniciativas pontuais, isoladas e inúteis... Isso é praticamente nada Toledano.

Toledano sabe que a mulher tem razão.

TOLEDANO

(em inglês)

Eu acho a idéia da pesquisa muito boa. Este é um campo riquíssimo e ainda pouco estudado... Mas os métodos não me agradam.

Nao sorri impassível.

NAO

(em inglês)

Pense um pouco... Todo o conhecimento que você terá em mãos, o laboratório completo que nós montaremos, a possibilidade

(MAIS...)

(CONTINUA...)

NAO (...cont.)  
de passar um tempo na floresta...  
E, se tudo isso não for o  
suficiente para lhe convencer,  
pense no dinheiro...

Toledano olha fixamente para Nao, que agora está muito  
compenetrada.

NAO  
(em inglês)  
Nós tivemos o cuidado de calcular  
a média dos salários de  
profissionais com formação igual  
à sua no Brasil, que atuam em  
vários setores... E  
quintuplicamos o resultado...

Toledano fica visivelmente abalado e silencioso.

NAO  
(em inglês)  
Como você pode ver, o nosso  
esforço é grande.

TOLEDANO  
(em inglês)  
Eu entendo... Mesmo assim não me  
interessa. Vocês vão ter que  
achar outra pessoa para a vaga.

Nao sorri com simpatia novamente. Ela pega seu cartão na  
bolsa.

NAO  
(em inglês)  
Não precisa decidir agora  
Toledano... Fique com o meu  
cartão. Pense com calma na  
proposta. Se você tiver alguma  
outra necessidade que nós não  
tenhamos pensado é só falar...  
Qualquer coisa que você queira  
que esteja ao nosso alcance será  
fornecida.

Toledano pega o cartão, dá uma rápida olhada e o coloca no  
bolso da camisa. Ele também tira um pouco de dinheiro  
desse bolso e o coloca sobre a mesa.

TOLEDANO  
(em inglês)  
Queira desculpar...Eu já vou!

NAO  
(em inglês)  
Fique à vontade doutor  
Toledano... Espero que você se  
(MAIS...)

(CONTINUA...)



NAO (...cont.)  
convença da importância deste  
trabalho e volte a nos procurar.

Toledano se levanta e Nao apenas o observa.

TOLEDANO  
(em inglês)  
Passar bem Nao!

NAO  
(em inglês)  
Até logo!

Toledano vai embora.

10 INT.NO QUARTO DO HOTEL.NOITE

10

Toledano está deitado, assistindo TV em seu quarto de hotel. Ele pega o telefone e liga para a sua tia em São Paulo.

TOLEDANO  
Alô... Tia?

Breve pausa.

TOLEDANO  
Tudo bem com a senhora?

Breve pausa.

TOLEDANO  
Também tia... Já concluí o meu  
curso em Berlim...

Breve pausa.

TOLEDANO  
Já... Eu vou voltar o mais rápido  
possível e conseguir um emprego  
aí no Brasil.

Breve pausa.

TOLEDANO  
Tem outra coisa que eu quero  
falar para a senhora.

Breve pausa.

TOLEDANO  
Eu vou pedir a Hildinha em  
casamento.

Breve pausa.

(CONTINUA...)

TOLEDANO

Quero fazer uma surpresa para ela...

Breve pausa. Toledano sorri.

TOLEDANO

Você lembra onde estão as alianças dos meus pais?

Breve pausa.

TOLEDANO

Você pode mandar lavar o vestido para mim?

Breve pausa.

TOLEDANO

Obrigado tia Mila.

Breve pausa.

TOLEDANO

Eu estou levando os chinelos de cromo que a senhora me pediu.

Breve pausa.

TOLEDANO

Comprei, no 38, bege, conforme especificações... Tem certeza que não quer mais nada?

Breve pausa.

TOLEDANO

Pode deixar, eu levo um pote grande para a senhora... Agora eu vou dormir, já é quase uma da manhã... Um beijo tia Mila!

Breve pausa.

TOLEDANO

Boa noite para a senhora!

Toledano desliga o telefone e depois desliga a TV. Ele apaga a luz do quarto e se ajeita na cama para dormir.

O Rio Reno é mostrado à noite, com a sua iluminação feérica e suas barcas, em uma tomada aérea ascendente. O rio faz a sua 'curva' inexorável para o norte.

12

EXT.NO PRÉDIO DE HILDA.MANHÃ

12

Toledano caminha por São Paulo carregando um pequeno embrulho. Ele chega no prédio onde morava com Hilda. O porteiro abre o portão. Toledano vai falar com o homem.

TOLEDANO

E aí meu bom Sév?

SEVERINO

Oh seu Luizinho! Que surpresa... Quando é que o senhor voltou de viagem?

TOLEDANO

Ontem de manhã... Tudo bem por aí?

Severino fica constrangido e calado.

TOLEDANO

Que foi Severino? Algum problema?

SEVERINO

Não senhor.

TOLEDANO

A Hilda está?

SEVERINO

Está sim seu Luiz.

TOLEDANO

Que cara é essa homem?

SEVERINO

Não é nada não senhor...

Toledano sai e vai em direção ao elevador e o chama.

SEVERINO

O senhor vai subir?

TOLEDANO

Qual é Severino? Já esqueceu que eu morava aqui?

Toledano abre a porta do elevador e entra.

SEVERINO

(para si mesmo)  
Oh meu Deus do céu!

13 INT.NO ELEVADOR.MANHÃ

13

Toledano se arruma em frente ao espelho de elevador. Ele fala olhando para a sua própria imagem.

TOLEDANO

Um dia perfeito... Um jantar a  
luz de velas... Uma noite inteira  
de amor ardente...

O elevador para.

14 INT.NO APARTAMENTO DE HILDA.MANHÃ

14

Hilda está enxugando os cabelos no quarto e o barulho de outra pessoa tomando banho é ouvido. Ela ouve o barulho de chaves na porta da frente e vai rápido para a sala. Quando Hilda chega na sala Toledano está entrando sorridente, com o pequeno pacote na mão.

TOLEDANO

O Severino disse que deixaram  
esse presente para você na  
portaria...

Hilda tem um choque ao vê-lo e fica estática, enrolada em uma toalha e com os cabelos molhados. Toledano percebe o que está acontecendo e fica lívido. Ele olha por cima do ombro de Hilda, ouvindo o barulho do chuveiro. Toledano caminha decidido em direção ao banheiro e esbarra em Hilda ao passar por ela. Ele entra no banheiro e vê, por trás da cortina do box, o rapaz que toma banho. Toledano abre a cortina com força, o rapaz fica confuso mas não fala nada, ele sabe de quem se trata. Toledano volta para a sala arrasado. Hilda está atônita.

HILDA

Eu ia te contar Toledano... Eu  
não esperava que você viesse sem  
me avisar.

Toledano que até então se mantivera calmo explode em um ataque de raiva. Ele atira o embrulho na parede próxima a Hilda e berra.

TOLEDANO

Filha da puta! Ordinária!

HILDA

Não fica assim! Calma Toledano...  
Vamos conversar!

TOLEDANO

Conversar o caralho! A minha  
vontade é de cuspir na sua cara!

(CONTINUA...)

HILDA  
Me deixa explicar Toledano!

TOLEDANO  
Cala a boca!... Eu não quero  
ouvir porra nenhuma!... Cala essa  
maldita boca Hilda!

Ele sai desabalado pela porta da frente e Hilda tenta  
chamá-lo.

HILDA  
Toledano espera! Vamos conversar!

Toledano não responde e desce as escadas correndo. Hilda  
se abaixa para pegar o pequeno pacote. Ela o abre. O rapaz  
que tomava banho aparece na sala e olha para Hilda. Dentro  
do pacote há um pequeno relógio feminino. As duas alianças  
dos pais de Toledano estão presas à pulseira do relógio.  
Junto há um bilhete. Hilda lê o bilhete.

TOLEDANO  
(over)  
Chega de perder tempo, eu tenho  
pressa em te fazer feliz...  
Case-se comigo o mais rápido  
possível... Te amo Hilda, sempre,  
e cada vez mais... Toledano.

Ela fica calada e senta com o olhar perdido na poltrona da  
sala, com o pacote desembrulhado na mão.

15 INT.NO APARTAMENTO DE MILA.TARDE

15

Mila está sentada na sala de TV. Ela olha para a porta  
fechada do quarto de Toledano. Mila levanta e vai bater na  
porta do quarto. Toledano está deitado na cama ouvindo  
música em seu mp3-player. Ele vê a maçaneta da porta  
virar. Mila aproxima o rosto da porta.

MILA  
Toledano! Converse comigo meu  
querido... Não fique assim...

Toledano vira-se de lado na cama e olha o cartão de Nao  
que está sobre o criado-mudo. Toledano está circunspecto.

16 EXT.O MÔA.DIA

16

Vemos uma imagem do Rio Môa, muito sinuoso e ladeado pela  
mata densa. Uma canoa com um ribeirinho solitário navega  
lentamente pelo rio.

17

INT.NO APARTAMENTO DE MILA.TARDE

17

Toledano tira os fones do ouvido, se levanta e sai do quarto. Ele abre a porta e dá de cara com sua tia, que está parada em frente à porta. Toledano olha em silêncio para Mila.

MILA

Eu fiz canjica... Você quer?

Toledano sorri.

TOLEDANO

Quero.

Os dois vão se sentar à mesa.

TOLEDANO

Eu vou viajar novamente tia Hilda.

MILA

Para onde?

TOLEDANO

Para a Serra do Divisor.

MILA

Onde?

TOLEDANO

Para o Acre... Próximo à fronteira com o Peru.

Mila não consegue disfarçar o medo e a preocupação.

MILA

Na selva?

TOLEDANO

É tia.

MILA

Pense bem meu filho... Não tome nenhuma atitude açodada, por causa de... De uma decepção amorosa... Não se castigue Toledano.

Toledano está frio.

TOLEDANO

Eu já pensei muito a respeito tia... E tomei minha decisão.

Mila se cala e fica visivelmente abatida.

Toledano está em um quarto de hotel em Rio Branco. Está muito quente e o ventilador de teto está ligado. Ele pega uma pequena agenda na bolsa de mão e procura por um telefone. Toledano faz uma ligação.

ABAUNÁ

(off)

Alô!

TOLEDANO

Antônio?... Antonio Abauná?

ABAUNÁ

(off)

É ele mesmo.

TOLEDANO

Aqui é o Luiz Toledano.

ABAUNÁ

(off)

Oi doutor! Tudo bem?

TOLEDANO

Tudo bem... Quase derretendo, mas bem.

ABAUNÁ

(off)

Já pode ir se acostumando, que é disso para pior... Eu pensei que você só fosse chegar amanhã.

TOLEDANO

Eu já tinha resolvido tudo em São Paulo, e decidi sair um dia antes, para conhecer um pouco a cidade.

ABAUNÁ

(off)

Quer fazer turismo em Rio Branco doutor?... Pode deixar que eu vou te levar para conhecer o 'circuito cultural'... Já fez a lista do que você vai precisar lá na estação?

TOLEDANO

Já.

ABAUNÁ

(off)

Ótimo... Eu passo hoje às dez para te pegar.

(CONTINUA...)

TOLEDANO

Dez da manhã?

ABAUNÁ

(off)

Dez da manhã é agora... Eu passo à noite.

TOLEDANO

Ah... Tudo bem... Combinado então.

ABAUNÁ

(off)

Até de noite doutor... Não esquece de trazer a lista.

TOLEDANO

Pode deixar... Até mais!

Toledano desliga o telefone.

19

EXT.EM RIO BRANCO.MANHÃ

19

Toledano passeia por Rio Branco.

20

INT.NO HOTEL.NOITE

20

Toledano está lendo na sala de espera do hotel. Abauná chega e se aproxima.

ABAUNÁ

Está pronto doutor?

Toledano olha surpreso para o negro forte e energético. Toledano levanta e estende a mão para Abauná.

TOLEDANO

Muito prazer.

ABAUNÁ

Igualmente... Vamos pro serra-osso?

TOLEDANO

Vamos embora!

Os dois saem conversando.



21 EXT.NO TENTAMEM.NOITE

21

Os dois homens chegam no 'Tentamem', há muitas pessoas do lado de fora e o lugar está lotado. Abauná e Toledano entram com dificuldade. Dentro da casa o volume da música é altíssimo. Eles vão para uma mesa e pedem bebidas. Algumas mulheres, conhecidas de Abauná chegam e começam a conversar. Uma delas tira Toledano para dançar, ele reluta um pouco e Abauná o empurra, dando risada. Toledano dança meio sem jeito com a mulher.

As horas avançam. Abauná já está um pouco alcoolizado e Toledano está com a mulher agarrada ao seu pescoço. Abauná bate no ombro de Toledano.

ABAUNÁ

A gente está com um problema de matemática aqui doutor.

TOLEDANO

Que foi Abauná?

ABAUNÁ

As duas moças gostaram de você.

Toledano sorri sem graça.

ABAUNÁ

Como eu não me ligo em surubada, sobrei... Vou ter que me virar em outras bandas.

A mulher que está sentada ao lado de Abauná levanta e vai sentar ao lado de Toledano. Abauná sorri maliciosamente. A segunda mulher agarra Toledano e começa a beijar seu pescoço. A primeira mulher faz que sente ciúmes e empurra a rival, depois também começa a beijá-lo na boca. Abauná olha com lascívia.

22 INT.NO QUARTO DO HOTEL.MANHÃ

22

Toledano acorda ao lado das duas mulheres. Ele levanta e senta na beirada da cama com muita dor de cabeça. Toledano vai para o banheiro e começa a lavar o rosto. Toca o telefone e Toledano vai atender.

TOLEDANO

Alô!

ABAUNÁ

(off)

Bom dia matador!

TOLEDANO

Bom dia Abauná!

(CONTINUA...)

ABAUNÁ

(off)

Hoje nós vamos comprar os gêneros que você me pediu... Vai se arrumando doutor... Eu passo aí em vinte minutos para te pegar... Ah! Joga água fria nessas piranhas que elas acordam.

TOLEDANO

Pode deixar.

ABAUNÁ

(off)

Está preparado doutor?... Amanhã é o dia da partida.

Toledano transparece medo em sua expressão e demora um pouco a responder.

TOLEDANO

Eu pensei em umas outras coisas que eu vou precisar Abauná.

ABAUNÁ

(off)

Tá dando cagaço não é doutor?... Não esquentar não que isso é normal... Procura não pensar muito a respeito.

TOLEDANO

Vou tentar.

ABAUNÁ

(off)

Anota tudo, que a gente hoje vai ficar em função das compras.

TOLEDANO

Está certo... Estou te esperando.

ABAUNÁ

(off)

Até mais!

Toledano desliga o aparelho e olha para as duas mulheres nuas na cama, dormindo abraçadas.

Vemos apenas as mãos de Abauná, que tenta ligar o motor da voadeira. O motor custa um pouco a pegar.

Abauná pilota a voadeira. Toledano vai um pouco à frente, a carga está espalhada no chão do barco. Toledano olha próximo aos pés de Abauná e vê um fuzil 'PARAFAL' sobre uma lona dobrada. Toledano olha para o companheiro que está compenetrado no caminho. Abauná fala sem olhar para Toledano.

ABAUNÁ

Navegando por esses rios a gente  
nunca sabe o que vai encontrar.

Toledano acede e tira os pés da direção da mira do fuzil.

ABAUNÁ

Está travada doutor.

TOLEDANO

Fico feliz... Eu vou precisar dos  
meus dois pés para esse trabalho.

Toledano não consegue achar uma posição segura para os seus pés, até que Abauná põe o fuzil de lado e fala um pouco irritado.

ABAUNÁ

Oh minhanossinhora!... Épa  
bádacama, ôpa dendapia?

Toledano acha graça na mineirismo.

TOLEDANO

Sabe aquela do mineiro que  
encontrou o outro segurando um  
queijo?

ABAUNÁ

Essa é tão velha que já tem  
continuação.

TOLEDANO

É?

ABAUNÁ

Hum, hum!... Um paulista chega na  
seqüência, se nega a segurar o  
queijo, e fala: 'Imagine...  
Perder uma oportunidade dessa,  
por causa de um queijo'...

Abauná olha com cara de gozador. Toledano sorri derrotado.

ABAUNÁ

Xííí!...Foi falar no redondo...  
Agora eu fiquei com saudades de  
casa.

(CONTINUA...)

TOLEDANO  
De Belo Horizonte?

ABAUNÁ  
Eu sou nascido e criado lá, mas a  
minha mulher e os meus filhos  
estão em Barbacena.

TOLEDANO  
Você tem filhos?

ABAUNÁ  
Dois homens e a mais nova, que  
tem 12 anos.

Abauná pega a sua carteira e mostra a foto para Toledano.

ABAUNÁ  
A Marina.

Toledano olha a fotografia.

TOLEDANO  
Aposto que ela herdou a sua  
inteligência.

Abauná fica enfunado.

ABAUNÁ  
Claro!

TOLEDANO  
Que bom... Porque a beleza, com  
certeza, ela herdou da mãe.

Abauná sorri amarelo e sinaliza pedindo de volta a  
carteira. Ele beija a fotografia e guarda a carteira  
novamente.

TOLEDANO  
Como foi que você veio parar no  
Acre?

ABAUNÁ  
Eu sou militar reformado  
doutor... Vim como aspirante para  
o estado do Amazonas, trouxe a  
esposa e os dois mais velhos  
comigo. Eles ficaram 13 anos  
comigo em Manaus, depois, a minha  
mulher botou na cabeça que queria  
voltar para Minas... A Marininha  
nasceu lá.

TOLEDANO  
Eles vêm te visitar?

(CONTINUA...)

ABAUNÁ

Vem nada... Eu conto nos dedos as vezes que encontrei com a minha filha.

TOLEDANO

Por que você não voltou Abauná?

Abauná olha para o rio enquanto fala.

ABAUNÁ

A infantaria sempre foi a minha vida doutor... Quando eles foram embora eu me enfiei mais ainda no meu trabalho... Acabei me aposentando com a patente de major.

TOLEDANO

Que foi? Cansou de ouvir o clarim?

ABAUNÁ

Tsc, tsc... Eu tenho é saudade da vida de militar.

TOLEDANO

Se você tivesse continuado hoje já seria o quê, general?

ABAUNÁ

Não exagera doutor... Provavelmente hoje eu seria tenente-coronel.

TOLEDANO

Que bicho que deu, de você querer sair?

Abauná olha para Toledano.

ABAUNÁ

Acordou curioso hoje, hem doutor?

Toledano fica na defensiva.

TOLEDANO

Desculpe! Eu não queria incomodar.

Abauná sorri para Toledano.

ABAUNÁ

Sabe o que quer dizer Abauná doutor?

TOLEDANO

Não faço a mínima idéia.

ABAUNÁ

Quer dizer 'homem preto'... Os índios me deram esse nome em nheegatu... Eu fui batizado Antonio... Antonio Ovídio... E eles mudaram o meu nome... (breve pausa)... Quer saber porquê?

Toledano não responde e Abauná sorri.

ABAUNÁ

Para eu nunca me esquecer que eu não sou daqui... Que eu sou diferente... (breve pausa)... Não pense que eles fizeram isso por preconceito... Fizeram porque gostam de mim...

Abauná levanta-se um pouco, olha, e desvia de alguns galhos que bóiam no rio.

ABAUNÁ

A selva não é só esse mar de árvores que você está vendo... Tem coisas aí dentro doutor, que a gente nem imagina existir... A floresta nunca se revela totalmente.

TOLEDANO

Por isso que eu vim para cá... É preciso tirar proveito de toda essa riqueza... Acumular informações... Organizar esse conhecimento.

Abauná sorri com desdém.

TOLEDANO

Eu falei alguma coisa engraçada?

ABAUNÁ

Organizar esse conhecimento?

TOLEDANO

É Abauná!... Observar, compilar dados, empregar métodos, analisar... Essas coisas todas que os cientistas fazem.

Abauná olha longamente para Toledano.

ABAUNÁ

Cuidado por onde anda Toledano...  
Descubra, antes de tudo, o seu  
próprio limite, e não vá além  
dele... Isto aqui é uma  
fronteira... Não uma fronteira  
entre dois países, mas entre dois  
mundos...

Abauná aponta para o chão da voadeira.

ABAUNÁ

Aqui é conhecido... É seguro...

Depois aponta para a mata.

ABAUNÁ

Lá... Nada é garantido... Nem a  
sua própria vida.

Toledano não se sente muito à vontade. Breve pausa.

TOLEDANO

Você ainda não falou porque saiu  
do exército.

Abauná é que não está confortável agora, ele olha por  
sobre o ombro de Toledano e manobra a voadeira.

ABAUNÁ

Imagina se desse uma merda  
qualquer no seu cérebro, e você  
virasse um... Um bostão... Uma  
criança novamente... Sua carreira  
de cientista iria para o saco,  
certo?

TOLEDANO

Que é que tem a ver uma coisa com  
a outra?

ABAUNÁ

Agora imagina um capitão do  
exército... Da Infantaria da  
Selva... Que, de um dia para o  
outro, sem mais nem menos, não  
consegue mais entrar na  
floresta...

Toledano olha para Abauná perplexo. Antes que Toledano  
pergunte mais alguma coisa Abauná desconversa.

ABAUNÁ

Passa o cantil para mim doutor.

Enquanto Toledano se estica para pegar o cantil, Abauná pega o fuzil e dá um tiro na direção das árvores. A floresta acorda com o forte estampido. Toledano leva um susto tão grande que cai para trás na voadeira.

TOLEDANO  
Que foi Abauná?

Abauná põe novamente seu fuzil no chão do barco.

ABAUNÁ  
Um guariba... Não suporto o grito  
desses filhos da puta... Passa o  
cantil por gentileza.

Toledano fica quieto e passa o cantil.

25 EXT.NA MARGEM DO RIO.CREPÚSCULO

25

Abauná olha para o céu e para o relógio. Ele desacelera a voadeira e começa a procurar um lugar na margem para pernoitar.

ABAUNÁ  
A gente só tem mais meia hora de  
claridade...

Abauná avista uma grande árvore que avança caída sobre o rio. Ele direciona a voadeira para a árvore. Ao aproximar-se Abauná pega um facão e corta alguns ramos da árvore, formando um tipo de túnel, onde ele prende a voadeira. O barco fica escondido sob a grande árvore, a uma distância segura da margem. Abauná desliga o motor e, pela primeira vez, os ruídos da floresta são ouvidos. Abauná finalmente senta e fica olhando para Toledano, ele observa a expressão de seu companheiro. Toledano está quieto, espantado com a exuberância da natureza à sua volta, ele percebe que Abauná o observa.

TOLEDANO  
Vamos comer?

Abauná sorri e se levanta para pegar alguns mantimentos. Toledano pega o cantil, dá um grande gole de água, olhando para a margem próxima. Abauná dá a comida para Toledano e também começa a comer. Os dois ficam em silêncio.

26 EXT.NA MARGEM DO RIO.NOITE

26

Um lampião foi pendurado em um galho da árvore. Há um pano na vertical, amarrado a um galho, criando uma espécie de divisória na parte dianteira do barco. Abauná está deitado do outro lado, próximo ao motor olhando para o pano. Toledano sai de trás do pano, Abauná se levanta, passa por Toledano, e vai para o 'banheiro'. Toledano começa a se preparar para dormir.



27 EXT.NA MARGEM DO RIO.MADRUGADA

27

Toledano está de olhos abertos. A chuva cai forte, com relâmpagos esporádicos. A voadeira está coberta por um impermeável com estampa de camuflagem. Toledano começa a ouvir o som de voadeiras se aproximando vagarosamente. A luz dos relâmpagos mostra o medo estampado em seu rosto. Ele vira a cabeça e olha para Abauná, que, àquela altura já está olhando para ele, com o dedo indicador cruzando a boca na vertical, pedindo silêncio absoluto. As voadeiras estão mais próximas agora, as vozes dos seus ocupantes começam a ser ouvidas. Abauná pega o seu fuzil, arma-o silenciosamente e começa a se esgueirar até a lateral da voadeira. Ele espia através de uma brecha no impermeável. A primeira voadeira passa com um forte farolete instalado na frente, seus três ocupantes falam baixo, uma mistura de espanhol com português, Abauná consegue ver suas armas pesadas. Uma segunda voadeira vem logo atrás, também com farolete, mas com um só ocupante, ela traz apenas carga. A terceira voadeira também iluminada, se aproxima com mais três homens armados, dois destes homens trazem lanternas nas mãos e as movimentam, dirigindo os feixes de luz para as margens. A luz das lanternas dos contrabandistas passa várias vezes pelos olhos de Abauná, que não move um músculo.

28 EXT.NA MARGEM DO RIO.MANHÃ

28

Já amanheceu. Estranhos ruídos vêm da margem. Toledano obre os olhos e começa a levantar a cobertura de nylon. Ele olha pela fresta e sorri. Um enorme tapir está pastando muito próximo a eles. O animal funga, tosse, regurgita e mastiga. Toledano o observa com curiosidade.

29 EXT.NO RIO.MANHÃ

29

A voadeira sobe lentamente o rio que agora é mais estreito e sinuoso. Abauná olha em volta e depois confere a hora.

ABAUNÁ

Você gosta de pescar doutor?

TOLEDANO

Eu nunca tentei.

Abauná puxa uma bolsa de nylon para próximo de si e começa a mexer em seu interior, procurando por algo. Ele fala enquanto procura.

ABAUNÁ

Pega aquele puçá ali, por gentileza.

Toledano está esperto.

(CONTINUA...)

TOLEDANO

Primeiro eu quero ver o que você  
vai tirar dessa bolsa.

Abauná acha graça. Ele tira uma granada de dentro da bolsa e mostra sorridente para Toledano.

ABAUNÁ

Esse método é o mais eficaz para  
principiantes.

TOLEDANO

Que porra você vai fazer Abauná?

Antes que Toledano termine a frase Abauná saca o pino da granada, e a joga para trás com displicência. Toledano se abaixa o mais que pode. A forte explosão levanta uma grande quantidade de água, e faz a voadeira balançar com força. Toledano está abaixado e Abauná começa a fazer a volta no rio.

ABAUNÁ

Doutor!... O puçá!

Toledano se estica para pegar a rede. Ele fala sem paciência.

TOLEDANO

Quanto tempo falta para a gente  
chegar?

ABAUNÁ

Menos de uma hora.

O barco já virou completamente. Toledano se levanta com a rede na mão. Os peixes mortos começam a vir à superfície.

TOLEDANO

É para pegar só os grandes?

ABAUNÁ

É!... Deixa os 'filhotinhos' para  
o futuro... (breve pausa)... E aí  
doutor, tá orgulhoso da sua  
primeira pescaria?... Relaxante,  
não é?

Toledano não responde e começa a pegar os peixes maiores. A voadeira está cercada por muitos peixes mortos de todos os tamanhos.

Uma curva fechada se aproxima, depois da curva, um barranco e um tronco enorme caído marcam a entrada da trilha. Abauná vai em direção ao tronco.

ABAUNÁ

Chegamos...

Abauná se aproxima, desliga o motor e levanta-o, tirando a hélice da água. O barco desliza por inércia, Abauná cruza o rifle nas costas e caminha para a frente. O barco bate a frente no fundo, Abauná dá um pulo para a margem e puxa o barco com força. Toledano já se levantou também e pula para fora do barco. Abauná entra na trilha e Toledano o segue, eles passam ao lado de uma pequena canoa escondida.

ABAUNÁ

Esse é o seu meio de locomoção...  
Mantenha a canoa sempre  
escondida...

A trilha avança uns 100 metros na selva e leva até uma clareira onde estão a casa e o barracão da estação. As construções são simples, feitas à maneira típica dos ribeirinhos: Sobre estacas, telhado de palha, paredes de madeira. O barracão tem paredes de meia altura, sendo que a metade de cima é fechada por tela, parecendo mais uma espécie de varanda, grande e destacada da casa. Tudo está muito bem cuidado e recém caiado. Abauná aponta para o barracão.

ABAUNÁ

Ali têm algumas bancadas,  
prateleiras, armários, vidrarias  
e ferramentas... Os terrários  
também ficam ali. Eles já estão  
preparados, esperando pelas...  
Pererecas.

TOLEDANO

Pelos anuros?

ABAUNÁ

É!... Isso mesmo!... Esses bichos  
nojentos aí... Que você tem que  
pegar!

TOLEDANO

Seus pais não lhe deram um  
cachorro quando você era pequeno  
Abauná?

Abauná olha indiferente para Toledano.

(CONTINUA...)

ABAUNÁ  
Venha ver a casa...

Os dois continuam caminhando até a entrada da casa. Abauná pega algumas chaves do bolso e abre o cadeado da porta, as portas e as janelas também têm telas. Eles entram, Abauná começa a abrir as janelas e Toledano pode então ver o laboratório. Ele fica impressionado com a quantidade de instrumentos à sua disposição.

ABAUNÁ  
Aqui tem tudo o que você  
necessita para o seu trabalho de  
laboratório...

Abauná continua.

ABAUNÁ  
Aqui desse lado ficam o quarto e  
a cozinha... A 'casinha' é lá  
fora...

Abauná entra na cozinha e abre o armário repleto de mantimentos. Ao lado do armário está uma pequena prancheta pendurada com uma caneta. Ele bate na prancheta com a caneta.

ABAUNÁ  
Essa prancheta é para você  
'compilar os dados' da cozinha...  
Só assim eu vou poder 'organizar  
o meu conhecimento' e cuidar bem  
de você.

Abauná dá uma risada cínica e Toledano acha graça.

TOLEDANO  
Pode deixar doutor.

Abauná sai por uma pequena porta na cozinha, Toledano o segue. Atrás da casa estão o banheiro, uma torre com caixa-d'água e um cata-vento e, depois, uma espécie de edícula.

ABAUNÁ  
O cata-vento enche a caixa com a  
água do rio, a maioria do tempo  
não tem vento, você vai usar  
muito essa bomba manual. A  
água desce e passa por um  
sistema de filtros e  
purificadores. O galpão, a casa e  
o chuveiro são servidos por essa  
água... O gosto é uma bosta, mas  
pode tomar sem medo de morrer...

Eles avançam na direção da edícula. Abauná abre outro cadeado.

(CONTINUA...)

ABAUNÁ

Aqui dentro está o grupo gerador  
e o conjunto de baterias...

Eles entram.

ABAUNÁ

Estas baterias alimentam as  
luzes, a sua geladeira, a  
geladeira do laboratório e os  
aparelhos eletrônicos... Controla  
o nível de combustível do  
gerador, que o sistema recarrega  
as baterias automaticamente...  
Procura aproveitar ao máximo a  
luz do dia para trabalhar...

Abauná abre outro cadeado de um alçapão no chão. Ele  
levanta a grande tampa e aparecem muitos galões de diesel,  
armazenados lado-a-lado.

ABAUNÁ

Não preciso dizer que é melhor  
não fumar aqui... Não é?... Vamos  
ligar o gerador...

Abauná liga o gerador.

ABAUNÁ

(falando alto)

Que mais?... Acho que é só...  
Vamos lá fora...

Abauná fecha o alçapão com o cadeado, e depois a porta da  
edícula. Ele dá as chaves para Toledano.

ABAUNÁ

Aqui!... As chaves do seu novo  
lar... Ainda tem umas coisas para  
você na minha bolsa... Vamos  
esvaziar a voadeira primeiro,  
almoçar, e depois eu te dou.

Eles caminham na direção do rio.

TOLEDANO

Não é uma caixa de granadas é?

ABAUNÁ

Não.

TOLEDANO

O que é então?

ABAUNÁ

São umas revistas de sacanagem...  
Lá no Rio Branco eu pensei: O

(MAIS...)

(CONTINUA...)

ABAUNÁ (...cont.)  
coitado vai ficar um ano  
'estapeando o bonequinho'... Pelo  
menos isso eu posso fazer por  
ele.

TOLEDANO  
Nem fala... Eu já estou sentindo  
falta daquelas suas amigas.

ABAUNÁ  
São gostosas, não são?

TOLEDANO  
Hum... Se são!

ABAUNÁ  
Tsc,tsc!... Já naveguei muito por  
aqueles mares!... Você não tem  
namorada doutor?

TOLEDANO  
Tinha!

ABAUNÁ  
Ela morreu?

TOLEDANO  
Praticamente.

ABAUNÁ  
Como assim?

TOLEDANO  
Tem certeza que você quer saber?

ABAUNÁ  
Lógico!

TOLEDANO  
Ela se chama Hilda.

ABAUNÁ  
Xi doutor!... Hilda parece nome  
daquelas 'putas corrosivas' do  
Nelson Rodrigues.

TOLEDANO  
É Abauná!... E Toledano seria um  
nome perfeito para um daqueles  
corno-mansos amargurados  
nelsonrodriguianos... Eu fui um  
grandíssimo de um imbecil... Mas  
também, agora eu tô vacinado.

ABAUNÁ

Tá mesmo?

Os dois somem na picada. A vozes somem em fade-out.

31 INT.NA COZINHA.TARDE

31

Toledano acaba de lavar uma louça na cozinha e vai para o barracão.

32 INT.NO BARRACÃO.TARDE

32

Toledano chega no barracão, Abauná está descansando em uma rede.

ABAUNÁ

Hoje eu durmo aqui doutor... Vou sair amanhã antes do sol nascer... Com a voadeira vazia eu faço a viagem em um dia.

Toledano senta em uma cadeira próximo a Abauná.

TOLEDANO

O que mais você tinha para me dar Abauná?

ABAUNÁ

Está ali, em cima da bancada.

Toledano vai até a grande mesa de trabalho. Em cima da mesa estão um GPS, uma bússola digital de pulso, um telefone de conexão por satélite, um notebook e uma câmera digital. Toledano pega um a um os objetos e observa-os.

TOLEDANO

É tudo tecnologia japonesa?

ABAUNÁ

Com os cumprimentos da senhora Nao... (breve pausa)... Presta atenção doutor, que isso é importante. Pode parecer estupidez, mas, em primeiro lugar... Não esquece de recarregar as baterias destas porras... Sempre que você se embrenhar na mata leva a bússola, o GPS e o telefone juntos, só assim você se garante. Estuda bem o manual da bússola digital, ela é o teu melhor recurso. O GPS precisa de tempo bom e uma clareira para ser usado, ou seja: Não conta muito com ele... O

(MAIS...)

(CONTINUA...)

ABAUNÁ (...cont.)

telefone é a nossa única ligação, ele também é a tua conexão com o mundo, via Internet através do notebook... Eu deixei uma caixa no laboratório com os manuais dentro. Na caixa tem também sachês com dessecantes. Vai abrindo os sachês e trocando à medida que eles ficarem saturados... A umidade do ar é a pior inimiga desses aparelhos... Agora... Vem um pouco aqui doutor...

Toledano se aproxima e senta novamente na cadeira. Abauná olha sério para Toledano.

ABAUNÁ

Aqui não é o litoral norte de São Paulo... Quando você sair, lembra que não está indo para uma cachoeira, fumar baseado e comer cocotinha. Se você vacilar aqui se fode de verde e amarelo meu amigo... Entra aos poucos na mata Toledano... Aumenta o teu raio de ação devagar. Cria marcos e usa esses marcos para se orientar nos caminhos... Não sai destrambelhado por aí, procurando sapo que nem um imbecil.

TOLEDANO

Pode deixar Abauná... Eu vou ficar atento.

Abauná tem a expressão vaga.

ABAUNÁ

Pode deixar?... Pode deixar o cacete Toledano.

TOLEDANO

Que foi Abauná?

ABAUNÁ

Tem uma outra coisa que eu quero te dar... Dar não, emprestar... Isso é por minha conta... Não diz nada para os homens.

TOLEDANO

O que é?

(CONTINUA...)



Abauná vai até onde está sua grande bolsa e tira um estojo preto de dentro. Ele volta com o estojo na mão e o dá a Toledano. Abauná volta para a rede. Toledano abre o estojo preto e vê que é uma pistola 9mm, com um carregador e uma caixa de munição.

TOLEDANO

Mas eu não sei usar essa arma  
Abauná.

ABAUNÁ

Mas vai aprender... Daqui a pouco  
eu te dou um curso relâmpago.

Toledano sorri sem dar muito crédito ao companheiro.

TOLEDANO

Estou te achando meio paranóico  
major.

Abauná se irrita.

ABAUNÁ

Pode tirar essa risadinha do  
rosto ô 'cabaço'!... Que tudo que  
eu estou falando e fazendo é para  
o seu próprio bem... Aquele bando  
de 'xibungo' te larga aqui  
sozinho, sem saber porra nenhuma  
de nada, e você ainda vem me  
chamar de paranóico... Paranóico  
é o caralho!... Eu tô começando a  
achar que você não é essa  
inteligência toda que me  
falaram...

TOLEDANO

Desculpa Abauná!

ABAUNÁ

Eu poderia muito bem te largar  
aqui e 'que se fôda'!... Meu  
serviço tá feito mesmo... Você  
que se arrume!

Toledano também se irrita.

TOLEDANO

Já entendi Abauná!... Não precisa  
humilhar porra!

Abauná fica taciturno e silencioso. Toledano percebe o medo nos olhos do companheiro.

TOLEDANO

Que foi Abauná?

(CONTINUA...)

ABAUNÁ

Nada.

TOLEDANO

Fica tranqüilo... Depois a gente dá uns tiros com esse canhão.

ABAUNÁ

Tranqüilo.

Toledano põe o estojo na bancada, ao lado dos aparelhos e volta, aproximando um pouco a cadeira à rede do companheiro.

TOLEDANO

Abauná...

ABAUNÁ

Que foi doutor?

TOLEDANO

Você não vai me contar?

ABAUNÁ

Contar o que?

TOLEDANO

Porque você não consegue mais entrar na mata.

Abauná fecha mais ainda a sua expressão. Ele se ajeita na rede e parece desconfortável.

ABAUNÁ

Deixa isso para lá.

TOLEDANO

Eu quero saber... É importante para mim Abauná.

ABAUNÁ

Importante?

TOLEDANO

É... Vai ser mais uma lição para mim.

ABAUNÁ

Essa história não é muito alegre doutor.

TOLEDANO

Mesmo assim.

Abauná levanta e vai até a pia, abre a torneira e dá um longo gole de água. Toledano o observa. Abauná volta mas não se deita na rede, ele fica de pé, olhando a mata através da tela.

(CONTINUA...)

ABAUNÁ

Lembra que eu falei da minha mulher?... Que ela quis voltar para Minas?

TOLEDANO

Lembro.

ABAUNÁ

Eu não te falei o motivo dela querer voltar.

TOLEDANO

Não.

ABAUNÁ

Ela tinha um irmão mais novo, o Joca... Ele era uns 10 anos mais novo que eu, devia beirar a sua idade, mais ou menos. O Joca tinha tanta admiração por mim que acabou entrando para o exército também... Isso lá em Minas. Ele já era 1º sargento quando eu saí e vim para Manaus. O Joca não parou de me aporrinhar até eu conseguir uma vaga para ele no CIGS.

TOLEDANO

Onde?

ABAUNÁ

No CIGS... Centro de Instrução de Guerra na Selva... Os melhores combatentes de selva do mundo são formados lá doutor... O menino foi aprovado com louvor. Os meus superiores vinham toda hora elogiá-lo...

Abauná sorri com melancolia.

ABAUNÁ

O comandante me enchia o saco, falava direto que ele era muito melhor que eu... Todo mundo adorava o Joca, e a minha mulher adorava mais que todo mundo...

Abauná apóia a mão na tela.

ABAUNÁ

Você sabe o que é um macuco doutor?

( CONTINUA... )

TOLEDANO

Sei.

ABAUNÁ

Em um final de semana de folga a gente foi caçar. Nós subimos o Negro por 6 horas, até a casa dos pais de um soldado do meu pelotão. Lá a gente se embrenhou na selva. Nós andamos por mais de três horas, já era fim de tarde... Mas o Joca estava fissurado... Ele estava afoito, se adiantando muito... (breve pausa)... Foi então que aconteceu a tragédia...

Toledano está com os olhos pregados em Abauná.

ABAUNÁ

Eu ouvi o pio do macuco Toledano, eu juro, é inconfundível... O Joca engatilhou a cartucheira devagar e foi caminhando na direção do piado... Ele estava com a espingarda em riste, caminhando lentamente e procurando pela ave... Tudo foi em uma fração de segundos... Eu não tive tempo nem de engatilhar a minha arma... A fera veio em um salto, por trás, e com uma só mordida, partiu o pescoço dele em dois... O tempo que eu tive para fazer a mira foi o suficiente para ela dar dois pulos, com o corpo de Joca nas costas, e sumir no mato novamente... Eu bati aquele mato por uma hora... Quando já estava anoitecendo eu encontrei...

Abauná põe a mão trêmula na boca e seus olhos lacrimejam. Ele está visivelmente abalado. Ele fala com a voz embargada.

ABAUNÁ

Ela estava deitada, com uma pata sobre o peito do pobre coitado... A cabeça já não existia mais, e o corpo estava sem uma gota de sangue... A onça-preta me olhava com seus olhos amarelos... Como se estivesse me avisando para ir embora... Eu mirei naquela cabeça enorme e suja de sangue... E ela não se movia... A pixuna apenas

(MAIS...)

(CONTINUA...)

ABAUNÁ (...cont.)  
arfava e me olhava, parecia que estava rindo, caçoando do meu medo... Caçoando por a gente ter caído na armadilha dela... Foi ela que piou como um macuco, Toledano... Eu não consegui atirar, porque nenhum músculo do meu corpo se movia, eu só conseguia rezar... Pedia a Deus para não desabar de joelhos, e ter o mesmo fim do meu cunhado... Depois, ela levantou um pouco cambaleante, como se estivesse bêbada, deu as costas para mim e saiu caminhando lentamente, até sumir de novo... Eu tive que levar de volta o corpo do Joca... Caminhei no escuro, com ele nas costas, por mais de 5 horas, morrendo de medo de ser atacado novamente, até chegar exausto à margem do Negro.

TOLEDANO  
Que merda Abauná!

ABAUNÁ  
A minha mulher praticamente enlouqueceu. Ela só queria saber de voltar para a casa dos pais... Nem das crianças ela cuidava mais... Para o meu azar, ela tinha acabado de ficar grávida da Marina.

TOLEDANO  
Eu sinto por você.

ABAUNÁ  
Veio uma psiquiatra falar comigo, ela disse que eu estava com choque pós-traumático, que eu ia me recuperar, que isso e que aquilo... Eu tomei tudo quanto é tipo de bola que ela me prescreveu... Acabei viciado naquelas porras, e o medo nunca passou, ao contrário, acabou piorando... Hoje, só de pensar em entrar na mata eu já travo, não consigo nem falar, só fico tremendo e suando... Foi por isso que eu tive que largar a infantaria... Quiseram me colocar em um serviço burocrático, mas eu não tenho cabeça nem paciência

(MAIS...)

(CONTINUA...)

ABAUNÁ (...cont.)  
para cuidar de papelada... Minha  
carreira foi para o espaço...

Abauná olha triste para Toledano.

ABAUNÁ  
Quem erra aqui não tem a chance  
de consertar o erro...

Abauná olha novamente para a mata.

ABAUNÁ  
E, acredite.. A selva está o  
tempo todo querendo fazer a gente  
errar.

Toledano olha para Abauná e depois vai pegar o estojo da  
9mm. Ele volta para próximo do companheiro e mostra o  
estojo.

TOLEDANO  
Não sei porquê... Mas, de  
repente, eu fiquei com uma  
vontade incontrolável de aprender  
a atirar.

Toledano sorri sem graça. Abauná pega o estojo e os dois  
saem do barracão conversando a respeito da arma.

ABAUNÁ  
Presta atenção doutor, que a aula  
já começou... Lição nº 1: Nunca  
tente ver como é o cano por  
dentro.

TOLEDANO  
Essa lição é bem útil.

ABAUNÁ  
Quando você estiver por aqui,  
guarde a arma e a munição dentro  
da caixa com o dessecante, e  
sempre que sair, leve a arma com  
você... Eu disse 'sempre'!...  
Entendeu?

TOLEDANO  
Entendi.

Abauná abre a caixa enquanto eles andam.

ABAUNÁ  
O funcionamento é simples... Esse  
é o carregador, aqui é a trava,  
que é um dispositivo muito  
importante em uma  
(MAIS...)

(CONTINUA...)

ABAUNÁ (...cont.)  
semi-automática... Cuida bem  
dessa pistola hem Toledano!

TOLEDANO  
Pode deixar Abauná... Eu vou  
cuidar dela como se fosse uma  
namorada.

ABAUNÁ  
Não a Hilda, né?

TOLEDANO  
Muito engraçado... Eu tô morrendo  
de rir.

Abauná dá risada.

ABAUNÁ  
Fica sossegado... As armas são o  
oposto das mulheres doutor...  
Quanto melhor você tratar uma  
arma, menor é a chance dela negar  
fogo.

TOLEDANO  
Abauná... Essa sua filosofia de  
quartel vai me deixar ulcerado.

ABAUNÁ  
Não é filosofia doutor... É a  
real!... É a vida!

TOLEDANO  
Tô sabendo... Também, tem o  
seguinte, se alguma perereca me  
encher o saco com aquele ti, ti,  
ti, ti, ti... Eu vou meter um  
monte de tiro.

ABAUNÁ  
Aí!... Gostei... Agora você está  
raciocinando como eu,  
praticamente já é um selvático...  
Pica fogo na perereca doutor...  
Sem dó nem piedade!

Os dois vão para trás da casa e suas vozes somem em  
fade-out.

Toledano está acordado em sua cama. Ele está atento aos  
sons noturnos da floresta.

34 INT.NO BARRACÃO.NOITE 34

Abauná está em sua rede no barracão. Ele também está de olhos abertos. Seu fuzil está sobre uma cadeira colocada ao seu lado.

35 EXT.NO RIO.NOITE 35

A luz da lua é refletida na superfície do rio, que corre vagarosamente. A névoa noturna cria um clima sombrio. Os sons dos animais noturnos são ouvidos com mais nitidez.

36 EXT.NA MARGEM DO RIO.MANHÃ 36

O sol está nascendo. Abauná arruma seu fuzil e sua bolsa no fundo da voadeira. Toledano o observa da margem. Abauná sai da voadeira e vai para próximo de Toledano.

ABAUNÁ

Eu volto daqui a seis meses. Me informa via e-mail ou por telefone tudo o que você precisar, que eu despacho para você através de um conhecido meu de Cruzeiro do Sul...

TOLEDANO

Pode deixar.

Abauná estende a mão.

ABAUNÁ

Fica com Deus...

TOLEDANO

Boa viagem Abauná... A gente se vê daqui a seis meses.

ABAUNÁ

Não esquece... Isto aqui é o limite da humanidade Toledano... De agora em diante você vai estar o tempo todo cruzando essa fronteira.

Abauná empurra a voadeira para dentro do rio, entra, liga o motor, e parte olhando para Toledano que ainda acena.

37 EXT.NA TORRE.MANHÃ 37

Toledano está sentado no alto da plataforma da caixa-d'água e do cata-vento, com um mapa apoiado no chão da plataforma. Sobre o mapa ele colocou uma bússola com um esquadro de acrílico. A plataforma fica pouca coisa acima

(CONTINUA...)



das copas das árvores. Ele observa toda a região circundante e os seus marcos naturais. Ele anota as direções e as distâncias desses marcos. Toledano fica impressionado com a vastidão da selva ao seu redor

38 INT.NO BARRACÃO.TARDE 38

Toledano está arrumando a vidraria e os terrários nas prateleiras. Ele vai até a bancada, pega alguns livros e os coloca em um armário. Ele se detém em um livro específico e começa a folheá-lo. O livro tem várias fotografias de sapos dendrobates. Toledano finalmente guarda o livro com os outros e fecha o armário. Ele sai do barracão.

39 EXT.PRÓXIMO À CAIXA-D'ÁGUA.TARDE 39

Vê-se o ladrão da caixa-d'água e ouve-se o barulho da bomba manual sendo acionada. A água começa a sair pelo ladrão e o som da bomba cessa. Vê-se Toledano indo em direção à edícula.

40 INT.NA EDÍCULA DO GERADOR.TARDE 40

Toledano entra na edícula do gerador, dá uma batidinha com o dedo no indicador do nível do combustível, checa o nível e sai.

41 EXT.NA TORRE.CREPÚSCULO 41

Toledano está sentado na plataforma do cata-vento, ele está comendo um lanche e vendo um belíssimo por do sol.

42 INT.NO BARRACÃO.MANHÃ 42

Há uma mochila sobre a bancada de trabalho. Toledano se aproxima da mochila trazendo alguns vidros pequenos com tampas furadas. De dentro da mochila ele tira sua bússola digital e coloca-a no pulso. Toledano pega a pistola, tira o carregador e se certifica que está carregado, ele encaixa novamente o pente, arma a pistola e trava-a. Ele pega o telefone, checa a bateria e desliga o aparelho. Toledano vai até o armário e pega um facão, uma pequena rede e um cantil. Ele vai até a pia e enche o cantil, volta para a bancada, carrega a mochila e coloca o facão e o cantil na cintura. Toledano sai do barracão.

43 EXT.NA SELVA.MANHÃ 43

Toledano caminha até o final da clareira, na parte de trás da casa. Ele pega o GPS, marca o ponto de partida, recoloca o aparelho na mochila e põe a mochila nas costas. Toledano olha para a bússola digital de pulso, calibra o norte, marca a direção a seguir e parte para a sua primeira caminhada na selva.

44 EXT.NA SELVA.MANHÃ 44

Toledano avança lentamente, um pouco sem jeito com o facão. Ele consulta sua bússola, Toledano está maravilhado com a diversidade da selva, ele está atento aos sons e procura marcar o caminho cortando plantas e galhos.

Toledano encontra uma pequena clareira. Ele pára um pouco, enxuga o suor do rosto e toma água. O extremo calor é perceptível. Toledano se abaixa e pega o GPS, ele faz uma segunda marcação e analisa o percurso. Toledano olha as horas na bússola digital. Ele calcula e fala para si mesmo.

TOLEDANO

850 metros em 1 hora e 50 minutos. 850 divididos por 110... São 7,72 metros por minuto... Não deve estar tão mal assim...

Ele checa o nível da água do cantil.

TOLEDANO

Mais uns 100 metros ainda dá para avançar.

Toledano se levanta, checa sua bússola, se alinha na direção marcada, empunha novamente o facão e continua se embrenhando na mata.

45 EXT.NA SELVA.MANHÃ 45

O sapo colorido está parado sobre um tronco apodrecido. A rede cai sobre o animal que pula tentando escapar. Toledano, vestindo luvas de borracha, pega cuidadosamente o animal de dentro da rede e coloca-o dentro do vidro com tampa furada. Ele olha para o animalzinho através do vidro.

TOLEDANO

Amigo, parabéns!... Você é o numero um.

Toledano põe o vidro na mochila e continua caminhando.

46 EXT.NA MARGEM DO RIO.TARDE

46

É fim de tarde e Toledano está sentado no grande tronco caído na beira do rio. Ele tem uma caneca na mão e lê um livro. Uma canoa remada por um ribeirinho e seu filho pequeno passam na outra margem. Toledano acena de longe e os dois acenam de volta discretamente.

47 INT.NO BARRACÃO.MANHÃ

47

Toledano está no barracão fazendo anotações em seu notebook. Seu cabelo está um pouco mais longo e sua barba começa a crescer. Os terrários nas prateleiras contêm alguns tipos de sapos diferentes. Ele trabalha com vários livros sobre a bancada e à sua frente estão alguns vidros com pequenos besouros e outros com algumas formigas. Toledano vira-se na direção da tela e vê o rosto do pequeno Jacson que o observa.

TOLEDANO

Oi Jacson!... Quer entrar?

Jacson nega com a cabeça e continua observando.

TOLEDANO

Seu pai está bem?

JACSON

Hum, hum!... Está!... A mãe mandou eu convidar o senhor para ir lá em casa amanhã... É aniversário do pai.

TOLEDANO

Fala para a sua mãe que eu vou sim... Vem cá um pouco...

Jacson entra e vai próximo a Toledano. O menino observa tudo com curiosidade. Toledano aponta para os terrários.

TOLEDANO

Você já viu os meus amigos ali?

Toledano levanta e se aproxima dos terrários.

TOLEDANO

Venha ver...

Jacson não se move e nega meneando a cabeça.

TOLEDANO

Você tem medo desses bichinhos, Jacson?

Jacson meneia a cabeça afirmativamente.

(CONTINUA...)

JACSON

O pai falou que se eu mexer nisso eu morro.

Toledano volta para a bancada.

TOLEDANO

Precisa ter muito cuidado com esses animais.

JACSON

A mãe já tomou vacina de sapo um monte de vez. Ela fala que é bom para a tristeza... Meu pai fica bravo e fala que não faz bem. Que é coisa de índio.

TOLEDANO

Ninguém sabe direito o que pode acontecer com a gente... É por isso que eu estou estudando, Jacson...

Jacson sorri.

TOLEDANO

Venha aqui comigo, vamos para o meu lugar predileto.

Os dois saem do barracão e vão em direção à torre do cata-vento

48

EXT.NA TORRE.MANHÃ

48

Toledano está na plataforma do cata-vento. Ele estende a mão e ajuda Jacson que sobe pela escada. Os dois sentam na plataforma e ficam observando a selva. Jacson aponta para o outro lado do rio, bem distante, para uma pequena coluna de fumaça branca que sobe do meio da mata.

JACSON

Tá vendo?

TOLEDANO

Estou... O que é?

JACSON

Índios.

Toledano olha com atenção.

TOLEDANO

Você conhece os índios, Jacson?

(CONTINUA...)

JACSON

Só vi de longe... Eles não conversam com a gente... Naquele lugar moram muitos índios... Quase nenhum branco vai lá... Só gente do exército e do governo.

TOLEDANO

Você falou que os viu de longe?

JACSON

Às vezes eu tô com o pai, remando, e aparece um e outro na barranca do rio... Eles olham um pouco e depois somem... No meio da mata eu nunca encontrei nenhum... Ainda bem.

TOLEDANO

Ainda bem porquê?

JACSON

Eles são malvados... E não gostam da gente.

TOLEDANO

Quem falou isso?

JACSON

O pai.

Toledano olha para o menino e depois olha para a coluna de fumaça ao longe.

49

EXT.NA CASA DOS GOMES.TARDE

49

Toledano vem remando sua pequena canoa e a encosta na margem do rio, na frente da casa dos Gomes. Ele desce da canoa e caminha em direção à casa. Jacson vem correndo encontrá-lo e Gilvam vem logo atrás. Toledano dá uma garrafa de cachaça e cumprimenta Gilvam. Maria aparece na porta da cozinha enxugando as mãos em um pano de prato e cumprimenta Toledano.

50

INT.NA CASA DOS GOMES.NOITE

50

Já é noite e a cozinha muito pobre está iluminada por candeeiros e pelo fogão de lenha, a garrafa de cachaça está no final. Maria está encostada no fogão, de pé, Toledano e Gilvam estão na mesa e Jacson está um pouco afastado em um banquinho. Gilvam, muito suado, rasga um baião em sua sanfona e Toledano acompanha no triângulo. Jacson toca uma zabumba quase maior que ele. A música acaba.

(CONTINUA...)

GILVAM

Beleza seu Toledano!... O senhor manda bem no baião.

TOLEDANO

Obrigado Gilvam!... E você pelo visto não esqueceu a sua origem.

GILVAM

Eu posso viver aqui por 100 anos... Mas o meu Caicó vai ser sempre soberano aqui dentro.

Gilvam bate a mão no peito.

TOLEDANO

Há quantos anos que você está aqui, Gilvam?

GILVAM

Desde os meus 12 anos... Eu vim mais os meus pais e os meus tios, que eram os pais de Maria.

Toledano olha para Maria que sorri tímida.

TOLEDANO

Então vocês são primos!

Maria dá uma risadinha, e leva a mão à boca. Gilvam olha para a esposa e sorri.

GILVAM

A gente não tinha muita escolha... Né Maria?

Maria ri mais ainda. Gilvam olha para Toledano.

GILVAM

Se hoje aqui é assim, imagina há 25 anos atrás... A gente remava 5, 6 horas no rio sem ver uma moradia... Nós fomos uns dos primeiros posseiros a chegar.

TOLEDANO

A Maria veio do Rio Grande do Norte também?

Maria nega com a cabeça.

GILVAM

A Maria é acreana. Meu avô veio prá cá na época boa da borracha, o pai dela é nascido aqui, eles viviam no Rio Branco e resolveram vir para cá tentar a sorte.

(CONTINUA...)

TOLEDANO

Você nunca mais voltou?

GILVAM

Não senhor... Não dá... É muita dificuldade... Isso aqui é uma vida de muita necessidade seu Toledano.

Gilvam dá um grande gole de cachaça. Toledano olha em silêncio para o homem

GILVAM

Vamos tocar outra?

TOLEDANO

Simbóra!

GILVAM

Dá o ritmo no triângulo seu Toledano!

Toledano começa a tocar o triângulo novamente.

GILVAM

Mais lento.

Toledano diminui.

GILVAM

Isso!... Segura!

Gilvam começa a tocar, Jacson o acompanha. A música é triste.

51 EXT.NA MARGEM OPOSTA DO RIO.NOITE 51

Vê-se a lua, o rio, a mata. A música de Gilvam se espalha na noite. A pequena casa dos Gomes é vista da outra margem do rio, como se alguém os observasse da margem oposta.

52 EXT.NA FRENTE DA CASA DA ESTAÇÃO.MANHÃ 52

Toledano abre a porta da frente da casa e sai de dentro com cara de ressaca, ele se espreguiça. Toledano sai caminhando na direção da trilha do rio e some através dela.

53 EXT.NA MARGEM DO RIO.MANHÃ 53

Toledano caminha ainda sonolento e chega à margem. A canoa ficou exposta durante a noite. Toledano começa a puxá-la para o seu abrigo e não percebe que está sendo observado. Na outra margem, 5 enormes guerreiros o observam. Eles

(CONTINUA...)

estão tranqüilos e ficam olhando Toledano com curiosidade. Todos estão armados, alguns com grandes arcos e outros com zarabatanas. Eles estão pintados e emplumados. Toledano está tão entretido com sua canoa que não os vê. Ele esconde a canoa e volta para pegar o remo. Toledano se abaixa para pegar o remo na margem e, antes de levantar ele ouve a voz 'off' de um dos guerreiros falando alto, em nheegatu.

GUERREIRO 1  
(em nheegatu - off)  
Será que ele é cego?... Ou é a gente que está invisível?

Toledano, que está ainda abaixado, congela. Ele só levanta o rosto e olha para a outra margem. Quando ele finalmente avista os enormes guerreiros com suas pinturas e suas armas ele fica sem saber o que fazer. Ele levanta vagarosamente. Os índios trocam comentários entre si. Toledano acena timidamente. O líder guerreiro fala para os outros.

GUERREIRO 1  
(em nheegatu)  
O 'ladrão de sapo' voltou a enxergar.

Os outros índios dão risada. Toledano sorri também.

GUERREIRO 1  
(em nheegatu)  
Ele está feliz que voltou a ver... A gente vai embora, e ele vai ficar cego de novo.

Os índios saem rindo e comentando. Eles se embrenham na mata novamente. Toledano fica atônito com a visão dos índios, e volta boquiaberto pela trilha.

54

EXT.NA TORRE.MANHÃ

54

Toledano está no alto da sua torre de vigia. Ele tem o mapa apoiado no chão e está apontando sua bússola para o rolo de fumaça que sobe na aldeia. Ele anota a direção da aldeia em seu mapa. Toledano está entretido quando ouve a voz de Gilvam.

GILVAM  
(off)  
Bom dia seu Toledano!

Toledano olha para baixo e vê Gilvam.

TOLEDANO  
Bom dia Gilvam!... Eu já vou descer!



Toledano acaba suas anotações, dobra o mapa, guarda a bússola e começa a descer.

55 EXT.PRÓXIMO À CAIXA-D'ÁGUA.MANHÃ

55

Toledano toca o chão e cumprimenta Gilvam.

TOLEDANO

Tudo bem?

GILVAM

Graças a Deus!... Eu trouxe o aparelho que o senhor esqueceu lá em casa.

Gilvam passa a câmera digital para Toledano.

TOLEDANO

Oh!... Nem me lembrava que eu tinha deixado lá.

GILVAM

Eu achei que estava fazendo falta.

TOLEDANO

De qualquer modo, muito obrigado por trazer... Vamos tomar um café?

GILVAM

Vamos sim... O senhor deixou uma cesta lá no tronco, na beira do rio?

TOLEDANO

Que cesta Gilvam?

GILVAM

Uma pequena... De índio.

Toledano vai em direção à frente da casa e fala.

TOLEDANO

Eu não deixei cesta nenhuma lá... Vamos ver o que é isso.

Gilvam o segue.

56 EXT.NO RIO.MANHÃ

56

Os dois chegam ao rio. Toledano vê a cesta sobre o tronco, que mais parece uma pequena bolsa com tampa. Eles se aproximam e vêem que algo lá dentro se move. Toledano mexe na cesta com um graveto e vê uma pequena rã colorida em seu interior. Ele pega a cesta pela alça e a leva para o barracão.

57

INT.NO BARRACÃO.MANHÃ

57

Toledano põe a cesta em uma bancada de trabalho e veste um par de luvas. Ele tira a rã de dentro com cuidado e a deposita em um terrário vazio.

GILVAM

Parece que alguém está querendo brincar com o senhor... Ou lhe agradar.

TOLEDANO

Um índio?

GILVAM

Um índio nunca faria isso... Esta cesta é usada pelas mulheres.

Toledano olha para o espécime.

TOLEDANO

Eu ando há tempos querendo achar um deste aqui.

GILVAM

Parece que o senhor arrumou uma amiga entre eles.

Toledano olha para Gilvam um pouco pensativo.

TOLEDANO

Na manhã depois do seu aniversário eu vi um grupo de índios na outra margem do rio... Eles ficaram me olhando, falaram algumas coisas e depois foram embora.

GILVAM

Eram adultos?

TOLEDANO

Eram.

GILVAM

Armados?

(CONTINUA...)

TOLEDANO

Sim... Também estavam pintados e usavam plumas.

Gilvam fica um pouco pensativo.

TOLEDANO

Por que você acha que eles vieram até aqui Gilvam?

GILVAM

Por curiosidade... Eles já devem saber o que o senhor faz e estão curiosos.

TOLEDANO

Sabem o que eu faço?... Como assim Gilvam?... Quer dizer que eles me observam?

Gilvam fica impassível.

GILVAM

Essa aqui é a casa deles seu Toledano... A gente vem sem ser convidado.

Toledano fica pensativo.

GILVAM

É por isso que eu não me misturo com eles... Não dá para confiar nesses índios.

Toledano muda de expressão e fica mais leve.

TOLEDANO

Que é isso Gilvam... Não há mal nenhum em se presentear alguém.

GILVAM

O senhor é novo aqui... Não faz idéia das coisas que já aconteceram por causa dos índios... Muitos de nós já morreram seu Toledano.

Toledano tenta manter o ânimo.

TOLEDANO

Vamos deixar essa conversa para lá Gilvam... E vamos fazer o nosso café.

GILVAM

Opa!... Maravilha!

Os dois vão para a cozinha.

Toledano está preparando o café e Gilvam está sentado à mesa da cozinha, observando as coisas de Toledano.

GILVAM

O senhor tem de tudo aqui seu Toledano.

TOLEDANO

É tudo da firma para a qual eu trabalho Gilvam... Eles são japoneses.

GILVAM

Esse povo dos olhos puxado é muito rico mesmo.

TOLEDANO

Bota rico nisso.

GILVAM

Seu Toledano, sem querer ser abusado... Mas o senhor não teria aí um pouco daquela cachaça?

Toledano acha estranho o pedido da cachaça pela manhã.

TOLEDANO

Você não vai querer o café Gilvam?

GILVAM

Vou sim... Mas se o senhor puder me dar antes um trago daquela branquinha eu agradeço.

TOLEDANO

Eu vou pegar para você.

Toledano puxa uma caixa que está sob a pia, na caixa estão várias garrafas de bebida. Gilvam olha para a caixa com atenção. Toledano pega a cachaça e põe sobre a mesa. Gilvam olha o rótulo.

GILVAM

Essa é da boa!... Coisa de japônês!

TOLEDANO

Essa é mineira mesmo... Japonês é mais chegado numa pinga de arroz.

GILVAM

É mesmo?... Como é que conseguem fazer cachaça do arroz?... Gente doida...

(CONTINUA...)

Toledano põe um pequeno copo sobre a mesa e Gilvam toma a liberdade de se servir. Ele enche o copo e toma em um só gole. Toledano o observa. Gilvam estala a língua.

GILVAM

Eh! Coisa boa!... Desce que é um mel a danada.

TOLEDANO

Pode levar essa garrafa para você Gilvam.

GILVAM

Oh seu Toledano... É muita gentileza da sua parte... Obrigado!

TOLEDANO

O café está pronto.

GILVAM

Vamos ver se o senhor já pode casar.

TOLEDANO

O duro é achar pretendente por aqui.

Toledano serve o café.

GILVAM

Considerando que tem índia fazendo presente para o senhor...

TOLEDANO

E índia lá gosta de café Gilvam?

Gilvam responde de maneira degenerada.

GILVAM

Que importa o que elas gostam seu Toledano?... O importante é o que 'a gente' gosta nelas... Não é?

Toledano olha para Gilvam visivelmente incomodado.

Toledano está no alto de sua torre. O sol está se pondo e ele olha fixamente na direção da aldeia indígena.

60 INT.NO LABORATÓRIO.MANHÃ 60

Toledano está em seu laboratório. Ele abre a caixa dos aparelhos eletrônicos e pega o GPS, o telefone, a bússola digital. Ele veste a bússola, pega a pistola, pensa, recoloca a pistola no estojo e o fecha. Toledano pega o seu pequeno mapa e vê a direção da aldeia. Ele posiciona sua bússola digital e marca a direção a seguir. Toledano sai com a mochila nas costas.

61 EXT.NA FRENTE DA CASA DA ESTAÇÃO.MANHÃ 61

Toledano sai do barracão com o facão e o cantil na cintura. Ele pára no meio da clareira, pega seu GPS, marca o ponto inicial e começa sua caminhada. Ele caminha na direção do rio.

62 EXT.NA MARGEM OPOSTA.MANHÃ 62

Toledano toca a margem oposta do rio com sua pequena canoa. Ele desce e puxa a canoa para o meio do mato. Toledano checa a bússola de pulso e parte para a sua caminhada, um trovão é ouvido.

63 EXT.NA SELVA.MANHÃ 63

A chuva é torrencial. Toledano caminha com um impermeável. Ele tem muita dificuldade em avançar por causa do chão lamacento.

Ele pára em uma pequena clareira e pega o GPS, o aparelho não funciona por causa do tempo ruim. Toledano guarda o GPS, checa a bússola, aponta para a direção a seguir e continua caminhando.

Agora seus pés afundam no chão até a canela. Ele começa a ficar preocupado. Toledano avança.

Toledano pára cansado, a chuva é inclemente e ele se recosta em um tronco. Toledano olha seu relógio-bússola e decide dar meia volta. Ele se vira para voltar e dá de cara com os mesmos guerreiros que o observavam do rio. O líder olha para Toledano com severidade. Um outro guerreiro aponta uma flecha para Toledano que fica lívido e imóvel.

GUERREIRO 1

(em nheegatu)

Porque você atravessou o rio  
'ladrão de sapo'?... O lado de lá  
do rio é muito pequeno para você?

(CONTINUA...)

TOLEDANO

Tudo bem... Não precisa apontar a flecha... Eu estou indo embora.

O líder se aproxima de Toledano e bate de leve com a palma da mão na testa do rapaz algumas vezes.

GUERREIRO 1

(em nheegatu)

Agora você me vê mas não me ouve?... Você não me ouve?... O lado de lá é muito pequeno?

Toledano dá um passo para trás e tira a mão do índio de sua cabeça.

TOLEDANO

Eu não vou incomodar ninguém, eu já vou embora...

Toledano aponta para o rio.

TOLEDANO

Eu vou voltar.

O líder aponta na direção oposta.

GUERREIRO 1

(em nheegatu)

Agora você vai para lá!... Agora você vai para a aldeia!

Toledano continua apontando para o rio. Um guerreiro passa pelo lado de Toledano e começa a caminhar na direção da aldeia. Outro guerreiro também passa. Toledano não sabe o que fazer. O líder o empurra sem muita delicadeza na direção da aldeia. Toledano segue os guerreiros resignado. A chuva não pára de cair.

64

EXT.NA ALDEIA.MANHÃ

64

Os guerreiros entram na aldeia escoltando Toledano. Todos estão dentro das malocas. Algumas mulheres e crianças espiam sorrateiramente através das portas. Os guerreiros levam Toledano para o centro da aldeia. O líder traça um círculo no chão envolvendo Toledano, ele fala e gesticula, apontando para o círculo e encostando o arco e flecha no seu ombro.

GUERREIRO 1

(em nheegatu)

Não saia daqui!... Não saia!

TOLEDANO

O que vocês vão fazer?... Eu vou embora e não volto mais!... Ninguém aqui fala português?

(CONTINUA...)

GUERREIRO 2  
(em nheegatu)  
Ele não vê e não ouve mas fala bastante...

GUERREIRO 1  
(em nheegatu)  
Deixem o homem... Vamos!

Os guerreiros saem e deixam Toledano 'plantado' no meio da aldeia. A chuva cai sobre ele. Os guerreiros entram na grande maloca principal. Toledano fica só, observando os rostos que olham furtivamente. Ele observa a porta da maloca principal. Toledano vê o líder guerreiro sentar em uma banqueta, logo depois da entrada da maloca, ele vê também um índio mais velho, o pajé, sentar ao lado do guerreiro.

65 INT.NA MALOCA DOS HOMENS.MANHÃ

65

Os dois índios mais importantes da tribo estão sentados na porta da maloca dos homens. Toledano pode ser visto no centro da aldeia, embaixo da chuva, parado dentro de sua 'prisão'. Os dois conversam com muita calma. O pajé fala para o líder.

PAJÉ  
(em nheegatu)  
Ele é bem feio.

GUERREIRO 1  
(em nheegatu)  
Muito.

PAJÉ  
(em nheegatu)  
Será que ele sabe o que está fazendo?

GUERREIRO 1  
(em nheegatu)  
Você diz por ele ter vindo aqui?

PAJÉ  
(em nheegatu)  
Não... Pelos sapos.

O guerreiro pensa.

GUERREIRO 1  
(em nheegatu)  
Eu acho que ele não sabe nada...  
E pensa que sabe tudo.

(CONTINUA...)



PAJÉ  
(em nheegatu)  
Espero que ele saiba pelo menos  
que ele pode morrer fazendo isso.

GUERREIRO 1  
(em nheegatu)  
Você acha que ele pode trazer  
algum mal para a gente?

PAJÉ  
(em nheegatu)  
Ele não... Mas a ignorância dele  
pode.

GUERREIRO 1  
(em nheegatu)  
O que nós vamos fazer?

PAJÉ  
(em nheegatu)  
Pensar.

Os dois ficam em silêncio olhando para Toledano que ainda  
está parado no mesmo lugar, tomando a chuva inclemente.

66 EXT.NO CENTRO DA ALDEIA.MANHÃ

66

Toledano ainda está no meio da aldeia. A chuva pára  
repentinamente. O pajé e o guerreiro ainda olham fixamente  
para ele.

67 INT.NA MALOCA.MANHÃ

67

O sol brilha fora da maloca. Toledano está parado lá no  
meio, molhado e humilhado. Os outros quatro guerreiros se  
aproximam dos dois homens que ainda pensam.

GUERREIRO 2  
(em nheegatu)  
Vocês já decidiram o que fazer  
com...

Antes que ele acabe a frase o líder o admoesta.

GUERREIRO 1  
(em nheegatu)  
Silêncio!... Não atrapalhe o  
mananga!

Os quatro guerreiros sentam no chão e também ficam  
observando Toledano.

Toledano está sentado dentro de seu pequeno círculo sob o sol inclemente. Ele está suado. De chofre, o pajé se levanta e fala aos guerreiros.

PAJÉ  
(em nheegatu)  
Vão às malocas e avisem que quem  
quiser pode chegar.

Os guerreiros saem apressados, se dividem, e vão para as malocas dar o recado aos outros. O pajé sai e vai na direção de Toledano, este, ao ver a movimentação também levanta. Toledano agora está frente a frente com o pajé, que anda para lá e para cá, inquieto. Toda a tribo vai chegando, curiosos, fazendo comentários e rodeando o visitante. Ceuci está um pouco afastada, ao lado de sua amiga, sorrindo e conversando. Os guerreiros estão logo atrás do pajé. O pajé se aproxima de Toledano, observando-o, e depois se dirige à tribo.

PAJÉ  
(em nheegatu)  
Este é o estranho que veio morar  
na casa nova... Foi apanhado  
perto daqui, afundando na lama,  
tentando chegar na aldeia...

O pajé se volta para Toledano.

PAJÉ  
(em nheegatu)  
Ele deve estar muito curioso,  
querendo nos conhecer...

O líder espiritual olha para seu povo novamente.

PAJÉ  
(em nheegatu)  
Prestem atenção!... Ninguém aqui  
vai ser impedido de procurar o  
'ladrão de sapo'... Mas, para  
quem quiser saber a minha  
opinião... Eu digo que não é  
aconselhável...

O pajé se aproxima de Toledano e olha direto para ele.

PAJÉ  
(em nheegatu)  
A sua curiosidade, e a  
curiosidade destes cinco aqui...

O pajé admoesta os guerreiros. Os cinco abaixam suas cabeças.

(CONTINUA...)

PAJÉ  
(em nheegatu)  
me obrigaram a lhe encontrar...  
Isto faz a minha barriga doer,  
como seu eu tivesse engolido uma  
pedra quente...

O pajé analisa calmamente Toledano.

PAJÉ  
(em nheegatu)  
Eu não queria lhe convidar para  
vir aqui... Agora, não tenho mais  
como voltar atrás com esta  
situação...

O pajé está taciturno. Ele olha para os guerreiros.

PAJÉ  
(em nheegatu)  
Mostrem o caminho de volta para  
ele...

O pajé olha para Toledano outra vez.

PAJÉ  
(em nheegatu)  
Você caminha pela mata acordando  
os demônios... Pise o chão  
devagar, faça silêncio ao  
andar... Esconda a sua ignorância  
o máximo que puder.

O pajé dá as costas e sai caminhando para a maloca. O  
líder guerreiro mostra a direção a seguir para Toledano.

GUERREIRO 1  
(em nheegatu)  
Vamos embora agora... Por ali!

Toledano olha para o guerreiro e começa a caminhar na  
direção indicada, os guerreiros o seguem. Ceuci acompanha  
a saída de Toledano com os olhos atentos. Toledano fixa  
seu olhar em Ceuci. Os cinco saem da aldeia observados por  
todos.

Toledano está sentado no barracão com o seu notebook  
ligado. Tudo à sua volta está escuro. Ele olha alguns  
textos e gráficos. Toledano pensa no ocorrido na aldeia.

70

INT.NO LABORATÓRIO.MANHÃ

70

Toledano está no laboratório. Ele pega um sapo de um vidro, segura-o firme pelas patas com sua mão esquerda, raspa as glândulas de peçonha no dorso do sapo, apóia a espátula em um vidro baixo, devolve o animal para o vidro. Ele pinga um líquido com um conta gotas sobre a espátula, bate de leve a espátula no fundo do vidro, mistura o líquido dentro do vidro, deixa a espátula dentro de um copo de vidro, leva o pequeno vidro com o líquido para o microscópio, ele ajeita o vidro e tira as luvas. Toledano começa a focalizar a lente do microscópio e ajustar o espelho refletor de luz. Ele olha através do visor e compara a imagem com as imagens de um livro ao seu lado. Toledano caminha até seu notebook e faz algumas anotações e olha para algumas imagens na tela. Ele está concentrado no trabalho e, ao se virar para voltar ao microscópio, ele se assusta com Ceuci e sua amiga que estão paradas do lado de fora da janela, olhando para ele e sorrindo.

TOLEDANO

Hei!

Ceuci e sua amiga saem correndo.

TOLEDANO

Esperem!

Toledano sai atrás das índias. Ele abre a porta do laboratório e as duas estão paradas na entrada da trilha para o rio, olhando para ele.

TOLEDANO

Eu quero conhecer vocês!

Toledano começa a caminhar na direção das índias que dispararam pela trilha. Toledano vai atrás delas.

71

EXT.NA MARGEM DO RIO.MANHÃ

71

Toledano chega na margem do rio. Ceuci está remando no rio com sua amiga uma canoa. Ele sorri e acena para ela, ela retribui o aceno sorrindo. Ceuci sobe o rio em sua canoa e elas desaparecem da visão de Toledano.

72

EXT.NA TORRE.NOITE

72

Toledano está no alto de seu observatório. A noite está limpa, o céu repleto de estrelas e a lua derrama um brilho prateado sobre as copas das árvores.

73 EXT.NA ESTAÇÃO.TARDE

73

Toledano fecha a porta da edícula após ter reabastecido o gerador. Ele caminha na direção do barracão. O Pajé e os 5 guerreiros vêm devagar pela trilha do rio. Toledano acena com simpatia.

TOLEDANO

Bem vindos!... Podem vir...

Toledano vai recepcioná-los. Ele estende a mão e os índios o cumprimentam e o saúdam.

TOLEDANO

Este é o meu local de trabalho...

Toledano vai à frente mostrando o caminho.

TOLEDANO

Por aqui!

74 INT.NO BARRACÃO.TARDE

74

O grupo entra no barracão. Os índios vêem os terrários, as bancadas, e trocam comentários entre si.

GUERREIRO 1

(em nheegatu)

Os sapos...

Ele põe a mão no vidro do terrário

GUERREIRO 1

(em nheegatu)

Eles vão morrer de fome.

O pajé se aproxima, olha um por um os terrário.

PAJÉ

(em nheegatu)

Como é que ele espera conhecer os sapos tirando-os das suas bromélias?

O pajé olha para Toledano.

PAJÉ

(em nheegatu)

Você aqui é diferente de você na cidade... Os sapos também.

O guerreiro 2 se aproxima dos terrários e olha os animais atentamente.

(CONTINUA...)

GUERREIRO 2  
(em nheegatu)  
Estes não parecem nem vivos nem mortos.

GUERREIRO 1  
(em nheegatu)  
Alguém tem que falar sobre isso com ele.

O guerreiro 2 vê um sapo eviscerado sobre a bancada.

GUERREIRO 2  
(em nheegatu)  
O situação desse aqui pelo menos já está definida.

Os guerreiros se entreolham e sorriem com ironia.

GUERREIRO 1  
(em nheegatu)  
Será que é a próxima refeição dele?

Os guerreiros riem. O pajé fala um pouco irritado.

PAJÉ  
(em nheegatu)  
Eu não sei porque vocês riem tanto... Para mim vocês são tão estúpidos quanto ele, ou mais...

Os guerreiros param de rir e se comportam como crianças que foram repreendidas.

TOLEDANO  
Venham ver o laboratório!

Toledano sai e os índios o seguem. Eles vão para o laboratório.

75 INT.NO LABORATÓRIO.TARDE

75

Toledano entra seguido dos índios. Eles olham todos os instrumentos de Toledano e ficam assombrados. Do outro lado da sala o notebook está ligado, um dos índios observa o protetor de tela e chama atenção dos outros que ficam intrigados. Toledano dá um toque no mouse e aparece a fotografia da estação no plano de fundo, os índios dão risada e comentam, olham atrás da tela, dão toques no mouse. O pajé olha para o líder guerreiro que fala.

GUERREIRO 1  
(em nheegatu)  
Ele trouxe a cidade com ele.

(CONTINUA...)

PAJÉ  
(em nheegatu)  
É um sinal que ele vai ficar  
bastante tempo.

O guerreiro nº2 aponta para o notebook.

GUERREIRO 2  
(em nheegatu)  
Estranho... Será que isso serve  
para alguma coisa?

GUERREIRO 1  
(em nheegatu)  
Os brancos agora carregam isso  
para cima e para baixo... Eu já  
vi umas duas vezes.

TOLEDANO  
Isto é um computador!...  
Computador!

GUERREIRO 2  
(em nheegatu)  
Para quê serve?

TOLEDANO  
Computador!... Notebook!

GUERREIRO 1  
(em nheegatu)  
O que isso faz?

TOLEDANO  
Notebook!

GUERREIRO 2  
Tem nome mas não serve para nada.

Os índios se entreolham e sorriem. O pajé os admoesta.

PAJÉ  
Não comecem novamente... Vamos  
para fora...

Os índios saem e Toledano vai atrás.

O pajé vai compenetrado para o meio da clareira, em frente  
à casa da estação. Ele pára e fica silente por alguns  
segundos. Ele fala decidido.

PAJÉ  
(em nheegatu)  
Peguem lenha!... Vamos fazer uma  
fogueira aqui!

Os guerreiros saem rapidamente. Toledano fica observando com curiosidade.

77 EXT.NA CLAREIRA.NOITE

77

Todos estão sentados à volta da fogueira, inclusive Toledano. O pajé tem uma panela com água fervendo à sua frente. Ele pega um tubo de bambu preso à sua cintura, e vira o seu conteúdo de raízes e folhas dentro da água fervendo. O pajé prepara o chá e entoa uma ladainha ininteligível. Todos o observam com deferência, Toledano não consegue tirar os olhos do pajé. A ladainha paralisa seus sentidos.

78 EXT.NA CLAREIRA.NOITE

78

O pajé agora emite apenas sons guturais. Toledano termina de tomar o conteúdo de sua caneca e olha para o fogo. O pajé fala para os homens de olhos fechados.

PAJÉ

(em nheegatu)

O engano aliou-se ao medo, na luta contra a inteligência e a bondade... Nesta batalha, apenas um homem sobreviveu, ele se tornou forte e fraco ao mesmo tempo, esqueceu o seu próprio nome, e não mais se recorda da sua casa ou de seus pais... Sua tribo toda morreu, e ele está só... Ninguém entre nós tem a sabedoria ou a força para aplacar tal solidão... Por isso, cabe à grande mãe Lua cuidar desse homem... E fazer-lhe companhia durante a noite... Mas que ela o trate como a um filho... Para não despertar o ciúme em seu marido o Sol... Que é o verdadeiro dono, de toda a força e do conhecimento.

Toledano se levanta e tira suas roupas. O pajé recomeça com os sons guturais.

79 EXT.NA CLAREIRA.NOITE

79

Toledano olha além da fogueira e vê Abauná vindo, também ele nu, com os olhos fechados. Abauná se aproxima de Toledano. Abauná fala sem abrir os olhos.

(CONTINUA...)



ABAUNÁ

Não há nada lá dentro da mata  
Toledano... Não há porque temer.

Abauná então abre e mostra os seus olhos de onça-preta. Ele contorce seu pescoço e cabeça e expõe ameaçadoramente suas grandes presas do felino. O som alto de uma onça rosnando fere os ouvidos de Toledano, que imediatamente se encolhe de cócoras, muito amedrontado, e protege os ouvidos com as mãos. Abauná some e o rosnado pára. Uma mulher toca as suas costas.

HILDA

(off)

Toledano... Ouça...

Toledano olha para trás e vê Hilda sorrindo.

HILDA

Você não deixou que eu me  
explicasse Toledano.

TOLEDANO

Fale Hilda.

HILDA

Você tinha ido embora para a  
Alemanha... Eu estava me sentindo  
só sem você meu amor... Eu estava  
muito triste... Desculpe  
Toledano... Desculpe.

Toledano começa a chorar com muita dor. Hilda desaparece. Ele começa então a ouvir o chamado de Mila.

MILA

(off)

Toledano...Volte para casa  
filho... Eu sinto muitas  
saudades...

Toledano olha na direção de onde vem a voz. Ele vê Mila sentada ao lado do pajé. Ela estende uma caneca de ayuhasca para Toledano, que a pega.

MILA

Você se lembra dos seus pais meu  
menino?

Toledano olha ao lado de Mila e vê um casal de meia idade também sentados em volta da fogueira. O casal sorri para ele.

TOLEDANO

Eu não lembro tia... Eu não  
consigo mais lembrar.

(CONTINUA...)

Toledano enfia o rosto entre as pernas e balança de maneira catatônica. Toledano abre os olhos e agora está agachado no meio da mata, de dia. Ele ouve vozes de índias conversando entre si, Toledano vê Ceuci e algumas amigas esgueirando-se pela mata e observando-o. Toledano se levanta e vai atrás das índias. Ele as segue até um igarapé e elas somem. Toledano vê uma grande cobra atravessando o igarapé a nado, Ceuci agora está só, na margem oposta. Ela está grávida, e seu corpo todo está pintado com as cores e a padronagem de uma rã *Dendrobatidae*. Toledano olha para Ceuci na outra margem, Ceuci levanta os braços.

CEUCI

Eu vivo no céu da noite  
estrelada... Vim a mando da  
grande mãe Lua, com esta criança  
em meu ventre, para lhe alegrar e  
fazer companhia...

Ela estende os braços na direção de Toledano como se quisesse tocá-lo, e depois acaricia a sua grande barriga.

CEUCI

Seu filho lhe trará de volta a  
sua essência e o seu nome.

Ceuci entra no igarapé e submerge, sumindo por completo. Lentamente, os peixes do igarapé começam a vir à tona, mortos, como na pescaria de Abauná. Na sequência o corpo inerte de Toledano também vem à tona, morto.

80 EXT.NA CLAREIRA.MANHÃ

80

Toledano está dormindo nu, encolhido ao lado de um monte cinzas e de brasas. Os índios partiram.

81 INT.NO LABORATÓRIO.MANHÃ

81

Toledano está trabalhando em seu laboratório. Ele ouve a voz de Abauná.

ABAUNÁ

(off)

Tem alguém em casa?

Toledano larga o que está fazendo e sai ao encontro do amigo.

Toledano vai ao encontro de Abauná e o saúda.

TOLEDANO

Abauná!... Não acredito que você está aqui... Não eram seis meses que você ia demorar?

ABAUNÁ

Tá trabalhando tanto assim, que não percebeu o tempo passar doutor?

Os dois se abraçam.

ABAUNÁ

Me ajuda com a carga?

TOLEDANO

Claro!... Vamos lá!

Os dois vão conversando e caminhando na direção do rio.

ABAUNÁ

Eu trouxe uma boneca inflável para você.

TOLEDANO

É mesmo?

ABAUNÁ

É... Eu tomei a liberdade de batizá-la de Hilda... Espero que você não se incomode.

TOLEDANO

Que muquirana... Você comprou uma de segunda mão?

ABAUNÁ

É... Ela tá meio recauchutada, mas ainda dá para o gasto.

TOLEDANO

Tô sabendo!

ABAUNÁ

Estava com saudades doutor?

TOLEDANO

Muita!

ABAUNÁ

Eu também!... É verdade!

Os dois somem na trilha.

A chuva cai forte. Toledano e Abauná estão conversando no barracão, eles estão dando risada.

ABAUNÁ

E eles te deixaram plantado no meio da aldeia?

TOLEDANO

Mais de três horas... Que nem um imbecil... Eu estava encharcado de chuva, sequei ao sol, e depois fiquei encharcado novamente, só que dessa vez de suor.

ABAUNÁ

Pelo visto esses índios gostaram de você.

TOLEDANO

Eu nunca senti tanto medo na minha vida.

ABAUNÁ

Eu imagino... (breve pausa)... Fico contente em saber que você está se virando doutor.

TOLEDANO

Está correndo tudo muito bem Abauná... Estou começando a achar que eu deveria ter vindo antes para cá.

ABAUNÁ

Olha só!... Já está se sentindo em casa.

TOLEDANO

O melhor de tudo foi a índia que veio aqui Abauná... Você precisava ver... Ela é a coisa mais linda desse mundo.

ABAUNÁ

É... Pelo visto ela também gostou de você.

Toledano fica sorridente. Abauná olha quieto para ele.

A chuva cai ainda forte. O dia está nascendo. Toledano e Abauná estão na beira do rio se despedindo.

TOLEDANO

Você pegou a caixa com as amostras?

ABAUNÁ

Peguei...

TOLEDANO

Eu já enviei alguns resultados por e-mail para a Nao... Agora ela está esperando por esse material.

ABAUNÁ

Pode deixar que eu despacho assim que eu chegar ao Rio Branco.

Toledano estende a mão e cumprimenta Abauná.

TOLEDANO

Obrigado Abauná... Boa viagem!... E até a próxima!

ABAUNÁ

Até a próxima doutor!

Abauná olha Toledano em silêncio antes de entrar no barco. Toledano empurra a voadeira para dentro do rio. Abauná liga o motor e começa a ir embora. Abauná fica olhando para Toledano e acena, Toledano acena e começa a voltar pela trilha. Abauná fica olhando para trás enquanto se afasta na chuva.

Toledano está em sua torre, comendo e lendo um livro. Ele olha para baixo e vê Ceuci, na beira da clareira. Ele larga o que está fazendo e desce da torre. Quando ele vai em direção a Ceuci ela se embrenha na mata. Ele a segue mata adentro. Ceuci faz um jogo com Toledano, aparecendo e sumindo várias vezes, sempre correndo. Dessa maneira ela o conduz até um igarapé. Toledano se aproxima do igarapé e Ceuci está dentro da água, sorrindo para ele. Toledano tira a sua roupa e entra na água. Os dois começam a nadar e se divertir. Ceuci se aproxima de Toledano e toca a sua barba. Toledano sorri e toca o cabelo de Ceuci. Ela mergulha, emergindo atrás de Toledano e empurrando-o com força para a frente. Ele cai de cara na água. Ele ainda se recupera do caldo e Ceuci fala sorrindo.

(CONTINUA...)

CEUCI

(em nheegatu)

Se você não fosse tão peludo até  
que seria bonito 'ladrão de  
sapo'.

Toledano tosse e recupera o fôlego.

TOLEDANO

Será que ninguém da sua tribo  
consegue ser gentil?

Ele joga água nela que tenta se defender, pulando sobre ele e tentando agarrar suas mãos. Eles acabam colados um ao outro. Ceuci percebe a excitação de Toledano e deixa seu corpo colado ao dele longamente. Ela ri como uma criança e depois começa a sair do igarapé, calmamente. Toledano observa o corpo de Ceuci por trás. Ceuci se exhibe. Ela se vira e olha para Toledano.

CEUCI

(em nheegatu)

Sai!... Antes que ele fique  
pequeno de novo... Sai!

Toledano fica sem graça e sai meio desajeitado. Ceuci olha direto para o membro de Toledano sem nenhum pudor. Toledano ri amarelo. Ceuci segura o pênis de Toledano e fala com naturalidade.

CEUCI

(em nheegatu)

É maior do que eu pensava... Não  
me faça sentir dor.

Ceuci começa a caminhar pela mata. Toledano se veste apressado e vai atrás dela.

TOLEDANO

Espere um pouco!

Ceuci olha para trás e vai andando bem lentamente, para que Toledano a alcance. Ele sai tropeçando em suas calças e vai atrás da índia.

Ceuci caminha com Toledano pela mata. Os pássaros estão agitados. Repentinamente vem o silêncio. Ela pára e põe a mão no peito de Toledano para que ele também pare.

TOLEDANO

Que houve?

Ceuci põe a mão na boca de Toledano. Um uirapuru começa a fazer o seu show. Ela fala muito baixo.

(CONTINUA...)

CEUCI  
(em nheegatu)  
O uirapuru está fazendo o seu  
ninho.

Toledano sussurra.

TOLEDANO  
Quê?

Ela aponta para ele e para si mesma alternadamente. Ele não entende direito mas gosta do que está vendo, ouvindo e, principalmente, sentindo. Toledano sorri como há muito não sorria. Ceuci puxa Toledano pela mão.

CEUCI  
(em nheegatu)  
Vem... Vem que eu quero agora.

Ela olha um tronco bem inclinado um pouco mais à frente e vai em sua direção puxando Toledano. Ceuci monta no tronco e inclina seu corpo para frente. Ela abraça o tronco e convida Toledano a penetrá-la. Toledano tira a sua roupa e encosta-se em Ceuci por trás. Ele a penetra com um pouco de dificuldade no início, mas com doçura. Ela sente a perda de sua virgindade em um delicado esgar. Os dois se acomodam naquela posição, e terminam o intercurso com Toledano deitando-se sobre Ceuci e ejaculando. O sol agora brilha com força e a manhã alta atravessa a mata espessa, criando uma atmosfera iridescente. A voz 'off' dos dois é ouvida.

CEUCI  
(off)  
Ceuci...

TOLEDANO  
(off)  
Toledano...

Breve pausa.

CEUCI  
(off)  
Toledano...

O momento é mágico.

86

INT.NA COZINHA.MANHÃ

86

Toledano está sentado em sua cozinha tomando café. Jacson aparece na porta carregando uma cesta com frutas.

TOLEDANO  
Bom dia Jacson!

(CONTINUA...)

JACSON

Minha mãe mandou eu trazer essas frutas para o senhor.

TOLEDANO

Que beleza!... Traga aqui dentro Jacson.

O menino entra tímido carregando a grande cesta. Toledano o ajuda e põe as frutas na pia.

JACSON

Ela mandou perguntar se o senhor não teria um pouco de cachaça para dar.

Toledano fica constrangido.

TOLEDANO

Foi ela que pediu, ou foi o seu pai?

O menino fica sem graça e vacila na resposta.

JACSON

Não foi ele não seu Toledano... Foi a mãe mesmo que pediu.

Toledano abre o seu armário, pega alguns gêneros e põe na cesta de Jacson.

TOLEDANO

Leva isso para a sua mãe, e fala para ela que tudo que ela precisar é só pedir.

Jacson pega a cesta contrariado.

JACSON

Tá bom seu Toledano... Muito obrigado.

O menino sai e Toledano fica pensativo. Toledano continua tomando seu café. Depois de uns segundos ele abre novamente o armário e pega uma barra de chocolate. Toledano sai atrás de Jacson.

Toledano vai pela trilha do rio com a barra na mão. Ele chama por Jacson.

TOLEDANO

Jacson!... Espere!



Toledano chega na margem e se surpreende com o que vê. A cesta com os gêneros está intacta, sobre o grande tronco caído. A canoa de Gilvam está um pouco abaixo do rio. Gilvam rema a canoa e Jacson está à sua frente. Toledano fica olhando para os dois que se afastam. Gilvam olha para trás e vê Toledano. Gilvam tem rancor em seus olhos.

88

EXT.NA CLAREIRA.MANHÃ

88

Está chovendo muito. Toledano está dentro do barracão trabalhando. Pela trilha do rio irrompem o pajé e o grupo de guerreiros, atrás dele vêm Ceuci e algumas índias mais velhas. Eles não estão com cara de muitos amigos. Toledano vê o grupo se aproximar e sai do barracão para recebê-los. Ao se aproximar dos índios o guerreiro líder o olha com raiva.

GUERREIRO 1

(em nheegatu)

Ladrão de virgem!

O líder desfere um forte golpe de borduna no braço de Toledano. Ele cai ao chão, segurando o braço e sentindo muita dor. O pajé refreia o guerreiro.

PAJÉ

(em nheegatu)

A gente não está aqui para isso.

O pajé sinaliza para uma das índias mais velhas. A mulher se aproxima e começa a falar em um misto de choro e raiva. Ela fala e eventualmente cospe em Toledano, que se levanta com dificuldade.

MÃE DE CEUCI

(em nheegatu)

Porque você está aqui afinal?... Para trazer os seus erros para a nossa gente?... O veneno dos sapos está fazendo você perder a razão?... Você é estúpido 'ladrão de sapo'... Não consegue perceber a diferença entre uma menina e uma mulher... Pega uma criança como esposa e arranja um monte de problemas para si mesmo... O que eu faço agora, sem a minha filha ao meu lado?... Como é que eu vou poder ensiná-la a cuidar de seu próprio filho?... Você tem idéia do que fez?... Você vai conseguir cuidar da minha filha?... Responde 'ladrão de sapo'!

Ela chora e dá uns tabefes em Toledano que a esta altura já está novamente de pé. O pajé se adianta.

(CONTINUA...)

PAJÉ  
(em nheegatu)  
Chega!

A índia se afasta chorando. O pajé se aproxima e olha severamente para Toledano.

PAJÉ  
(em nheegatu)  
Três pessoas erraram... Eu, Ceuci e você... O meu erro é o mais difícil de consertar... Um pajé não pode perder a confiança de sua gente... Estou triste por ter acreditado em você, e isso deveria lhe entristecer também...

Toledano está de cabeça baixa. Ceuci está de cabeça baixa, com uma grande cesta às costas, um pouco para trás. O pajé olha para Ceuci.

PAJÉ  
(em nheegatu)  
Venha cá...

A índia se aproxima cabisbaixa.

PAJÉ  
(em nheegatu)  
Fique ao lado do seu novo marido...

Ela vai para próximo de Toledano sem olhá-lo.

PAJÉ  
(em nheegatu)  
Você não pertence mais à nossa tribo Ceuci... Seus pais e suas mães não lhe querem mais... Você violou as nossas leis... Eu não posso fazer mais nada por vocês dois... Estou triste e querendo chorar... Espero que você não chore muito... Que seja feliz na sua nova casa, e que esqueça rápido a sua tribo...

O pajé olha para os dois.

PAJÉ  
(em nheegatu)  
Eu vou embora... Por toda a estação da chuva eu vou pensar no meu erro... E vou lamentar a sua partida Ceuci... (breve pausa)...

O pajé olha para Toledano.

(CONTINUA...)

PAJÉ  
(em nheegatu)  
Agora, a nossa vergonha vai  
impedir que a gente se visite,  
'ladrão de sapo'... É uma pena.

O pajé ainda olha longamente para os dois. Ele tem os olhos tocados pela tristeza. Os índios finalmente vão embora. Toledano e Ceuci ficam sós, no meio da forte chuva.

89 EXT.NO BARRACÃO.NOITE 89

Toledano está na porta do barracão. Ele observa Ceuci sentada no chão, na chuva, no meio da clareira, chorando e lamentando o seu banimento.

90 EXT.NA TORRE.MANHÃ 90

Toledano e Ceuci estão no alto, ela está mais tranqüila. Os dois olham a fumaça indicando a tribo ao longe. Toledano faz um carinho em Ceuci e ela sorri para ele.

91 EXT.NA SELVA.MANHÃ 91

Toledano e Ceuci estão caminhando na mata. Ela vai à frente e está atenta a tudo que a rodeia. De chofre ela vira para Toledano e fala.

CEUCI  
Toledano!... Vê!

Ela aponta para uma cobra em uma árvore. Toledano olha para a cobra e olha para Ceuci.

CEUCI  
Come sapo!... Come!

Toledano sorri para a índia e vai capturar o animal.

92 EXT.NA MARGEM DO RIO.TARDE 92

Toledano e Ceuci estão sentados no tronco, na beira do rio. Toledano segura um caderno e um lápis. Ele aponta para o rio.

TOLEDANO  
Rio!... Rio, Ceuci!

Ele escreve a palavra rio no caderno e mostra a Ceuci.

(CONTINUA...)

TOLEDANO  
 Viu?... Rio!... 'R'... 'I'...  
 'O'... Rio!... Veja se você  
 consegue escrever...

Toledano olha para Ceuci e percebe que ela está olhando para o rio. Toledano olha na mesma direção e vê Gilvam e Jacson remando sua canoa rio acima. Toledano acena para os dois mas somente Jacson retribui o aceno, Gilvam apenas fica olhando para os dois enquanto rema. Toledano fica um pouco constrangido e depois volta à sua aula.

TOLEDANO  
 Vamos continuar Ceuci.

Ele aponta para a sua própria canoa que está parada na margem.

TOLEDANO  
 Aquilo é uma 'canoa', Ceuci...  
 'Canoa'!

Ceuci olha para Toledano com carinho e fala.

CEUCI  
 Marido... Toledano marido!

Ela se levanta, pega Toledano pela mão e o puxa de volta para a estação.

93 INT.NO BARRACÃO.TARDE

93

É a hora do crepúsculo, Toledano está nu em sua rede, no barracão, Ceuci se aproxima e se senta sobre Toledano, mexendo com a mão no pênis do marido, ajeitando-o dentro de si. Ela o abraça e faz movimentos suaves de vai e vem. Toledano acaricia as costas e as coxas de Ceuci, a índia fecha os olhos e afunda o rosto na nuca de Toledano, mordiscando-a levemente. Toledano ejacula e Ceuci geme baixo, tremendo um pouco. Ela se ajeita ao lado de Toledano e fecha os olhos.

94 INT.NO BARRACÃO.NOITE

94

Toledano abre os olhos na mesma posição. Ceuci está dormindo ao seu lado. Ele olha para fora. O vento balança levemente a folhagem. Toledano fica de olhos abertos com a impressão de que alguém o espreita. Ceuci se ajeita na rede e Toledano a abraça.

95

EXT.NA ALDEIA.MANHÃ

95

O pajé e o líder guerreiro estão sentados para fora da grande maloca.

GUERREIRO 1  
(em nheegatu)  
Você ainda está conseguindo ver?

PAJÉ  
(em nheegatu)  
Estou... Ela ainda está lá.

GUERREIRO 1  
(em nheegatu)  
Quer que eu a mande embora?

PAJÉ  
(em nheegatu)  
Só se ela tentar entrar.

GUERREIRO 1  
(em nheegatu)  
Assim ela vai sofrer por mais tempo.

PAJÉ  
(em nheegatu)  
Foi ela que quis assim.

GUERREIRO 1  
(em nheegatu)  
Tem razão.

PAJÉ  
(em nheegatu)  
Não conte para ninguém que ela veio.

GUERREIRO 1  
(em nheegatu)  
Pode deixar.

O pajé olha na direção da mata onde se esconde Ceuci.

PAJÉ  
(em nheegatu)  
Para Ceuci não existe mais caminho de volta.

Nossos olhos andam pela aldeia até o limite com a mata. Lá dentro está Ceuci, escondida e chorando.

Toledano está saindo da edícula. Ceuci está bombeando água para a caixa. Toledano olha para ela, Ceuci se curva e vomita em uma forte golfada. Ela fica curvada por um momento e Toledano corre até ela. Ele a segura pelos ombros, ela sorri um pouco atordoada.

TOLEDANO  
O que foi Ceuci?

Ceuci bate de leve no ventre.

CEUCI  
Toledano...

Toledano olha incrédulo para Ceuci.

TOLEDANO  
O que?

CEUCI  
(em nheegatu)  
Eu vou ter um filho.

TOLEDANO  
Espera aí Ceuci... O que você quer me dizer?

Ela passa a mão no próprio ventre.

CEUCI  
(em nheegatu)  
Uma criança... Um filho nosso.

Ele sorri e abraça Ceuci com força.

TOLEDANO  
Você está esperando um neném?...  
É isso?... Não acredito!... Não acredito Ceuci!

Ceuci aponta para o seu ventre e fala com expressão de dúvida.

CEUCI  
Não acredito?

Toledano ri entre lágrimas pela ingenuidade de Ceuci. Ele põe a mão no ventre de sua esposa e a ensina.

TOLEDANO  
'Filho' Ceuci!... O filho de Ceuci e Toledano!

Toledano abraça com força Ceuci e chora. Ceuci olha para ele e se espanta com o seu choro.

(CONTINUA...)

CEUCI  
Toledano é triste?

Toledano ri e chora mais ainda.

TOLEDANO  
Não Ceuci... Feliz!... Toledano  
está feliz!

Ceuci sorri alegremente e Toledano a aperta contra si. Toledano a aperta e chacoalha tanto que Ceuci não agüenta, e vomita novamente, só que, dessa vez, nele. Ele fica parado se olhando e ela dá risada do que fez. Toledano olha com carinho para sua companheira.

97 EXT.NO GRANDE LAGO.MANHÃ 97

Toledano e Ceuci remam a canoa em um rio muito estreito e de vegetação densa. A um determinado momento eles chegam a um grande lago. O sol é refletido com muita força na superfície do lago, ofuscando a visão de Toledano. Eles começam a preparar uma pescaria com linha.

98 EXT.NA MARGEM DO RIO.TARDE 98

Ceuci e Toledano chegam à estação remando sua canoa. A canoa toca a margem próxima ao tronco e os dois descem. Ceuci tira vários peixes de dentro da canoa e caminha para a casa. Toledano esconde a canoa.

99 EXT.NA CLAREIRA.NOITE 99

Uma fogueira está acesa no meio da clareira. Ao lado da fogueira, restos de um peixe estão sobre uma grelha, que está apoiada sobre pedras. Toledano e Ceuci estão deitados em esteiras no chão. A lua está cheia. Ceuci olha para a lua. Toledano aproxima o rosto ao ventre de Ceuci, que já está protuberante, e beija-o. Ele apóia sua cabeça no colo da mulher e também olha para o céu.

100 EXT.NA SELVA.MANHÃ 100

Toledano e Ceuci caminham na mata. Toledano está na frente e Ceuci o segue. Ele avança um pouco e não percebe que Ceuci não está mais atrás. Toledano se dá conta e começa a caminhar de volta. Ele encontra Ceuci passando muito mal, apoiando-se em um tronco, com uma grande poça de vômito aos seus pés. Ele percebe que a moça não pode seguir. Toledano fala calmamente para a esposa.

TOLEDANO  
Ceuci... Volte para casa... Vá descansar.

(CONTINUA...)

Ceuci não quer deixar Toledano.

CEUCI  
Eu fico... Com você.

Toledano insiste.

TOLEDANO  
Não... Ceuci vai para casa... Eu  
volto de tarde.

CEUCI  
Ceuci e Toledano... Junto.

Toledano sorri complacente.

TOLEDANO  
Nós estamos juntos Ceuci... Mas  
você precisa ir para casa...  
Descansar... Vai Ceuci!

Ceuci olha triste para Toledano

TOLEDANO  
Vai... A gente se vê à tarde!

Toledano começa a se afastar e gesticular para Ceuci  
voltar. Ela fica encostada no tronco enquanto ele se  
afasta.

101 EXT.NA CLAREIRA.MANHÃ

101

Toledano sai do barracão com sua mochila, pronto para uma  
caminhada. Ceuci vem ao seu encontro. Sua gravidez já  
completou quatro meses e a barriga é visível.

TOLEDANO  
Está muito quente hoje... Fique  
no barracão!

Ele aponta para ela e para o barracão.

TOLEDANO  
Entendeu?

CEUCI  
Sim...

Toledano sorri para a mulher e a abraça. Ceuci sorri  
enquanto Toledano se afasta. Ele está prestes a sumir na  
trilha e ela acena mais uma vez.



102

EXT.NA SELVA.TARDE

102

Toledano está olhando com uma lupa um besouro que está em um tronco. Ele está concentrado e percebe que um silêncio estranho paira no ar. Toledano olha para as copas e percebe o vento diminuir até cessar completamente. Agora nada se move, nenhum animal emite um som sequer. Toledano pensa que está surdo. Acontece a tragédia. Um estampido seco empurra o ar parado, reverberando através da floresta e entrando como uma facada em seus ouvidos. Toledano olha na direção da estação. Ele dispara em uma corrida na direção de Ceuci. Toledano corre desesperado pela mata, os galhos e as folhas são como açoites a castigá-lo. Ele não se dá conta e continua correndo. O sangue começa a escorrer de várias partes do seu corpo. Toledano se livra da mochila e continua ofegante e veloz. Ele agora está suado e encharcado de sangue. Toledano está se aproximando da base. Ele começa a gritar.

TOLEDANO  
(em desespero)  
Ceuci!... Ceuci!

Toledano chega à clareira. Ele corre por todos os cantos da base chamando por Ceuci. Toledano vê a porta do laboratório aberta. Ele entra e vê tudo destruído. Toledano continua olhando a destruição e vê que a caixa dos eletrônicos está aberta. Toledano se aproxima e vê, dentro da caixa, o estojo da pistola aberto e vazio. Ele está completamente desesperado e chama por Ceuci. Toledano vai para a cozinha, ele vê a caixa de bebidas virada e vazia, uma garrafa está quebrada dentro da pia. Toledano vê a porta de saída da cozinha aberta. Ele sai e vê gotas de sangue no chão, um rastro na areia o leva até a beira da clareira, onde está o corpo de Ceuci. Toledano se ajoelha ao lado do corpo da esposa morta e grita de dor, um grito longo, profundo e dolorido, como nunca se ouvira naquele lugar. O grito ecoa pela floresta, e espalha a sua terrível tristeza.

103

EXT.NA ESTAÇÃO.MANHÃ

103

Toledano está deitado, ainda sujo de sangue, sobre a cova de Ceuci. Ele não consegue se mover, apenas chora e balbucia o nome da mulher. Passam-se dois dias sem que Toledano se mova. Ele agora está quieto, imóvel, parado no mesmo lugar. Toledano ouve chamarem seu nome.

CEUCI  
Toledano... Toledano...

Toledano olha para a mata e vê Ceuci parada, lhe esperando.

(CONTINUA...)

CEUCI

Venha comigo... Vamos caminhar  
juntos novamente... Eu estou  
sentindo a sua falta...

Toledano se levanta com dificuldade e vai em direção a Ceuci. Ela se embrenha na mata e ele a segue. Ceuci caminha e olha para trás, Toledano a segue, segue, segue até que escurece completamente. Ele agora está no meio da floresta, já é noite. Toledano vê vagamente a imagem de Ceuci nua, iluminada pela luz do luar, vindo em sua direção. Ela estende os braços e fala com carinho.

CEUCI

Que bom que você está aqui...  
Agora eu não vou mais chorar...

Toledano não vê nem ouve mais nada, o breu absoluto se impõe. A lua cheia domina a noite da floresta.

104

EXT.NA SELVA.MANHÃ

104

Toledano está irreconhecível. Sujo, machucado e completamente sem forças. Ele se arrasta no chão da floresta cravando seus dedos no chão e puxando o peso de seu corpo. Toledano vê um farnel e uma cabaça com água pendurados em uma árvore. Toledano tenta alcançar o farnel, mas não consegue. Ele vira e deita sobre seu dorso. Toledano olha para as copas das árvores e ouve Ceuci novamente.

CEUCI

(off)

Pode fechar os olhos Toledano...  
Deixe anoitecer de vez meu  
amor... Volte para os meus  
braços, e não vá embora nunca  
mais.

Toledano fecha lentamente os olhos cheios de lágrimas, e se deixa levar. A nossa visão vai se elevando. Podemos então ver mais trabalhadores se aproximando do corpo, depois o limite da floresta intacta, e então, uma vasta área desmatada, onde tratores e caminhões estão trabalhando.

105

INT.NO APARTAMENTO DE MILA.TARDE

105

Toca o telefone no apartamento de Mila. Ela atende.

MILA

Alô?

(CONTINUA...)

CONSTANTIN  
(em alemão-off)  
Alô... Eu gostaria de falar com o  
Toledano.

MILA  
Pronto!... Eu não consigo  
entender!

CONSTANTIN  
(em alemão-off)  
Toledano senhora!... Eu gostaria  
de falar com o Toledano!

Mila começa a chorar.

MILA  
Ele não está... Ele não volta  
mais.

Mila chora, abaixa o fone do ouvido. A voz de Constantin  
ainda é ouvida ao telefone.

CONSTANTIN  
(em alemão-off)  
Senhora!... Alô!... Alô!... A  
senhora está bem?... Alô!...

Mila chora sobre a mesa. ao seu lado está o notebook de  
Toledano. As fotos que Toledano tirou estão sendo exibidas  
em uma apresentação de slides. Começamos a ver as  
fotografias e, ao mesmo tempo, os créditos: Vemos Toledano  
na estação de Berlim, Constantin atendendo algumas  
pessoas, Toledano e Constantin juntos, as duas alemãs  
abraçadas, as moças dando acenando, Toledano entre as  
duas, o trem para Basiléia, Baldo e Toledano juntos, Baldo  
dormindo, Baldo só na estação de trem em Basiléia, a  
entrada da estação de Basiléia, o café de Basiléia,  
Toledano no quarto de hotel em Basiléia com o relógio de  
Hilda na mão, Toledano e Mila em Cumbica, Mila só na  
cozinha de seu apartamento, Toledano deitado na sua cama  
na casa de Mila, Toledano no aeroporto de Rio Branco,  
Toledano no mercado de Rio Branco, Toledano e Abauná na  
frente do hotel em Rio Branco, Toledano com Abauná e as  
duas mulheres no Tentamem, Abauná dentro do carro, Abauná  
pilotando a voadeira, Toledano na frente da voadeira, a  
estação, a torre, Abauná e Toledano na frente do barracão,  
Abauná na rede, Abauná segurando um sapo colorido, Abauná  
e Toledano segurando uma boneca inflável com o nome  
'Hilda' escrita na barriga, Abauná na voadeira indo  
embora, Jacson e Gilvam na canoa, Jacson só na porta da  
cozinha da estação, a casa dos Gomes com Maria à porta, a  
aldeia, os guerreiros no centro da aldeia, o pajé, Ceuci e  
as amigas, Toledano no laboratório, Ceuci no igarapé,  
Toledano no barracão de noite com o seu notebook ligado,  
Ceuci olhando para o notebook, o pajé e os guerreiros na  
estação, os guerreiros juntos, os índios em uma grande

(CONTINUA...)

canoa, Ceuci sentada no tronco do rio, Ceuci em sua canoa, Ceuci segurando um peixe, Toledano e Ceuci no igarapé, Ceuci e Toledano na rede, Ceuci e Toledano na mata, Ceuci e Toledano na torre, O crepúsculo visto da torre. Esta mesma fotografia do crepúsculo se transforma numa imagem em movimento, e vemos o sol se pôr em mais um dia que termina na floresta. A floresta escurece, e a lua cheia então pode ser vista.

Fim